

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

A LITERATURA, A FOICE E O MARTELO

DENISE ADÉLIA VIEIRA

DISSERTAÇÃO
DE

MESTRADO

**JUIZ DE FORA
2004**

A LITERATURA, A FOICE E O MARTELO

DENISE ADÉLIA VIEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teoria da Literatura

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva.

Juiz de Fora
2004

FOLHA DE APROVAÇÃO

VIEIRA, Denise Adélia. A literatura, a foice e o martelo. Dissertação de Mestrado em Letras, área de concentração: Teoria da Literatura, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2º. semestre de 2004.

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. TERESINHA VÂNIA ZIMBRÃO DA SILVA.
ORIENTADORA ACADÊMICA

PROF^a. DR^a. TEREZINHA MARIA SCHER PEREIRA

PROF^a. DR^a. GEYSA SILVA

Examinada a Dissertação:

Conceito:

Em:

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Alice, pela dedicação e amor, durante todos estes anos, pela paciência, colaboração em todos os momentos em que precisei. Seu apoio, nas horas difíceis, certamente, foi um grande estímulo para a realização deste trabalho.

A meu pai, Altair, que, mesmo ausente deste plano físico, foi, sem dúvida, um grande guerreiro, e sua vida foi um espelho para as minhas ações e realizações.

A meu irmão, Altair, meu amigo e colaborador incondicional, nos momentos em que mais precisei de sua ajuda.

À minha irmã, Márcia, e à sobrinha, Alice, pela preciosa boa vontade em me ajudar a superar as limitações e por terem acrescentado um colorido especial neste trabalho.

À minha irmã, Izabel, pela mão estendida nos momentos difíceis e às minhas sobrinhas, Laura, Fabiana e Lívea, pelo carinhoso afeto.

À Orientadora, Professora. Dr^a. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva, pelo interesse desde o primeiro momento em que falamos sobre o assunto do trabalho, mas, sobretudo, pela paciência e dedicação no decorrer desta pesquisa.

À Professora, Cândida Leite Georgopoulos, pela dedicação em revisar o texto deste trabalho, com uma boa vontade ilimitada. Saiba que jamais esquecerei sua rica colaboração.

À amiga, Lena, pelas palavras ternas nas horas de angústia. Seus conselhos fizeram-me esquecer as decepções.

A meu namorado, Rogério, pelas palavras carinhosas, regadas de muita compreensão, fazendo com que minhas ansiedades desvanecessem ao ouvi-las. Seu apoio transformou-se em jóia de luz no meu coração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amigo, por ter-me concedido a oportunidade desta reencarnação para meu aperfeiçoamento e evolução, por ter-me presenteado com uma família unida e colaboradora, responsável direta desta conquista, por ter colocado, em meu caminho, pessoas solidárias, sem as quais minha vida seria vazia.

À minha Orientadora, Prof^a. Dr^a. Teresinha V. Zimbrão da Silva, pelos ensinamentos adquiridos, pelas lições de humildade e perseverança imprescindíveis na execução deste trabalho.

Aos Professores, Gilvan Procópio Ribeiro, Marisa Timponi Pereira Rodrigues e Leila Maria Fonseca Barbosa, pela orientação dada para o enriquecimento da bibliografia deste trabalho.

À amiga Maria Aparecida Meyer Esch, pela boa vontade demonstrada em conseguir o empréstimo do livro *O Gororoba* na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aos funcionários do Mestrado, Francisco de Paula Moreira e Nilcimara Bertolino e Araújo, pelos lembretes pontuais que jamais me deixaram esquecer dos compromissos assumidos.

Às funcionárias da Biblioteca do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), Maria Lúcia Vieira da Cruz e da Biblioteca Central, Vânia Pinheiro de Sousa, pela inesquecível ajuda nos empréstimos e renovações dos livros e pela paciência em me ouvir.

Aos colegas do Mestrado de Teoria Literária e Lingüística da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelos dois anos de colaboração vividos nesta Instituição.

Aos professores do Mestrado em Letras, pela capacidade e confiança em nos direcionar para caminhos acadêmicos profícuos.

Aos colegas de trabalho da Escola Municipal Engenheiro André Rebouças, em especial à Secretária, Sueli Pereira Miranda, à Prof^a. Reinalda do Carmo Bispo e ao Prof. Frank Aparecido Oliva, pela boa vontade de atender a todos os meus pedidos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de Mestrado concedida.

A todas aquelas pessoas que contribuíram de maneira sincera para a realização deste trabalho.

*Todas as coisas de que falo são de
carne
Como o verão e o salário.
Mortalmente inseridos no tempo
Estão dispersas como o ar
no mercado, nas oficinas,
nas ruas, nos hotéis de viagem.*

*São coisas, todas elas,
Cotidianas, como bocas
e mãos, sonhos, greves,
denúncias,
acidentes do trabalho e do amor.
Coisas,
de que falam os jornais
às vezes tão rudes
às vezes tão escuras
que mesmo a poesia as ilumina
com dificuldade.
Mas é nelas que te vejo pulsando,
Mundo novo,
Ainda em estado de soluços e
esperança.*

Ferreira Gullar

RESUMO

VIEIRA, Denise Adélia. *A literatura, a foice e o martelo*. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.

Esta dissertação procura analisar a temática proletária nas letras brasileiras, propondo o seguinte recorte cronológico e temático: do socialismo e anarquismo da *Belle Époque*, ao comunismo do entre-guerras. Para tanto, os três capítulos da dissertação exploram desde as primeiras leituras da doutrina marxista no Brasil, passando pela literatura anarquista, até a produção dos romances proletários. O trabalho registra as referências de Machado de Assis e Euclides da Cunha a Marx. Conta também a trajetória anarquista de Lima Barreto e seu apoio à Revolução Russa de 1917, além de discutir a relação dos intelectuais com o comunismo desde o ano de 1922 até a década de 30. Finalmente, destaca o romance proletário através de três obras: *O Gororoba* (1931), de Lauro Palhano, *Cacau* (1933), de Jorge Amado, *Parque Industrial* (1933), de Patrícia Galvão. Objetivou-se, dessa maneira, resgatar, entre nós, a temática proletária, esquecida à margem pelo cânone.

Palavras-chave: Socialismo; Anarquismo; Marxismo; Proletariado; Literatura.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyse the proletarian theme in the Brazilian literature, suggesting the following chronological cut: from the socialism and anarchism of the belle époque to the communism of the period between the First and Second Wars. To do so, the three chapters of the dissertation explit since the first readings of Marxist doctrine in Brazil, passing through anarchist literature until the production of proletarian literature. The work registers the references from Machado de Assis and Euclides da Cunha until Marx. It also tells the anarchist trajectory of Lima Barreto and his support to the Russian Revolution of 1917. The work discusses the relationship of the intellectuals with Communism since the year of 1922 until the 30's. Finally, the proletarian novel is emphasised through three works: *O Gororoba* (1931) by Lauro Palhano, *Cacau* (1933) by Jorge Amado, *Parque Industrial* (1933) by Patrícia Galvão. It was the goal rescue the proletarian thematic among us, since it was forgoteen by the canon.

Key words: Socialism; Anarchism; Marxist doctrine; Proletariat; Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O SOCIALISMO E O ANARQUISMO NAS LETRAS BRASILEIRAS: A BELLE ÉPOQUE	13
1.1 A chegada das idéias de Marx ao Brasil.....	13
1.2 A referência a Marx em Machado de Assis.....	15
1.3 A chegada dos socialistas e dos anarquistas ao Brasil.....	16
1.4 As referências aos socialistas e anarquistas em Machado de Assis.....	18
1.5 A referência a Marx em Euclides da Cunha.....	19
1.6 O anarquista Lima Barreto.....	22
1.7 O impacto da Revolução Russa no Brasil.....	23
1.8 A referência à Revolução Russa em Lima Barreto.....	26
1.9 A Literatura Anarquista.....	28
2 O COMUNISMO NAS LETRAS BRASILEIRAS: O ENTRE- GUERRAS	33
2.1 Do anarquismo ao comunismo.....	33
2.2 O Modernismo de 1922 e o Comunismo.....	34
2.3 Os intelectuais e o comunismo na década de 1930.....	36
2.3.1 Leituras.....	36
2.3.2 Filiação	38
2.3.3 Obreirismo.....	38
2.4 A literatura e o "proletariado"	39
2.5 Os filiados.....	40
2.5.1 Raquel de Queiroz e o Comunismo.....	41
2.5.2 Jorge Amado: um escritor do Partido.....	45
2.5.3 O Comunismo e o casal Oswald de Andrade e Patrícia Galvão.....	48
2.6 Desfiliação.....	52
3 O ROMANCE PROLETÁRIO	54
3.1 A chegada do romance proletário ao Brasil.....	54
3.2 A classificação de romance proletário.....	55
3.3 Publicações.....	56
3.3.1 A publicação d' <i>O Gororoba</i> em 1931.....	56
3.3.2 A publicação de <i>Cacau</i> em 1933.....	57
3.3.3 A Publicação de <i>Parque Industrial</i> em 1933.....	59
3.4 A questão do narrador.....	60
3.4.1 <i>O Gororoba</i>	61
3.4.2 <i>Cacau</i>	63
3.4.3 <i>Parque Industrial</i>	65
3.5 Os romances.....	65

3.5.1 <i>O Gororoba</i>	65
3.5.2 <i>Cacau</i>	73
3.5.3 <i>Parque</i>	76
<i>Industrial</i>	
3.6 O resgate do romance proletário	80
CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	85

INTRODUÇÃO

A idéia inicial era escrever uma dissertação sobre romance proletário. A motivação surgiu durante a própria leitura da bibliografia para a seleção do mestrado. Em *Imagens Negociadas*, livro indicado então, deparei-me com comentários do autor, Sérgio Micelli, sobre Patrícia Galvão e o seu romance proletário, *Parque Industrial*, comentários que aguçaram minha curiosidade sobre a autora e o gênero de romance que praticara.

Iniciei então uma investigação e tive a sorte de encontrar um exemplar de *Parque Industrial*, em sua primeira edição (1933), em um sebo de São Paulo; encontrei-o ainda, em sua segunda edição (1994) na livraria da Universidade Federal de São Carlos. Constatei que, até esta reedição, o romance era uma raridade.

Cada vez mais interessada no gênero romance proletário, fui aos poucos descobrindo diversos outros autores brasileiros, além de Pagu e Jorge Amado, que o praticaram na década de 30. Consegui encontrar alguns destes romances, a maioria, em sebos de São Paulo; outros tive que pedir de empréstimo em bibliotecas de universidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Decidi procurar por outras manifestações da temática "proletária" na literatura brasileira. Interessei-me pela produção anarquista do início do século XX, sobretudo em suas denúncias sobre a exploração do operariado urbano que se constituía nas cidades. Encontrei uma antologia de contos anarquistas na biblioteca de nossa universidade. Constatei a reduzida bibliografia crítica existente tanto sobre romance proletário quanto sobre literatura anarquista.

Trabalhando sob a orientação da prof^a Dra. Teresinha V. Zimbrão da Silva, concluí que, a fim de melhor aproveitar o material interessante e pouco conhecido que estava resgatando, seria pertinente então me propor um recorte cronológico e temático mais amplo: do socialismo e anarquismo da *Belle Époque*, ao comunismo do entre-guerras. A preocupação com o aproveitamento deste extenso material desenvolveu a dimensão historiográfica do

trabalho. Considerando que a temática proletária nas letras brasileiras é, de fato, pouco explorada, esquecida à margem pelo cânone, a proposta de tentar contar a sua (possível) história nos pareceu justificada.

O primeiro capítulo intitula-se *O Socialismo e O Anarquismo nas Letras Brasileiras: A Belle Époque*. Fala da chegada das idéias marxistas ao Brasil no final do século XIX, registra as referências ao socialismo de Marx em Machado de Assis e Euclides da Cunha, sublinha o anarquismo de Lima Barreto, comenta o impacto da Revolução Russa no Brasil. E finaliza com uma seção sobre literatura anarquista, onde são analisados um poema e um conto libertários.

Sob o título *O Comunismo nas Letras Brasileiras: o Entre-Guerras*, o segundo capítulo trata do (não) relacionamento entre o comunismo e o Modernismo de 1922, a partir de depoimentos de Oswald de Andrade e Mário de Andrade, registra a relação dos intelectuais com o comunismo na década de 30, sublinhando sua filiação ao Partido Comunista do Brasil (PCB), sua adesão ao obreirismo e à literatura proletária; e comenta, em particular, sobre os escritores filiados ao partido - Raquel de Queiroz, Jorge Amado e o casal Oswald de Andrade e Pagu - trajetórias, ao nosso ver, representativas do engajamento do intelectual brasileiro do período.

O terceiro capítulo é que versa propriamente sobre o romance proletário. Inicia-se registrando o aparecimento do gênero no Brasil, através de traduções, apresenta a polêmica quanto à sua classificação, e, dentre os diversos romances considerados proletários, encontrados no decorrer da pesquisa, seleciona três para análise: *O Gororoba* (1931) de Lauro Palhano, *Cacau* (1933) de Jorge Amado e *Parque Industrial* (1933) de Patrícia Galvão.

A seleção destes três romances tem seus motivos. Primeiro, todos foram publicados no início da década de 30, ou seja, no auge da polêmica sobre romance proletário. Segundo, à diferença de outros romances publicados então, estes três explicitam, de fato, um

compromisso com o gênero: *Cacau*, em nota introdutória interroga: "romance proletário?", *Parque Industrial* afirma no subtítulo "romance proletário", e *O Gororoba* afirma no subtítulo: "scenas da vida proletária".

Terceiro, a motivação de confrontar um romance canônico como *Cacau*, a um, pouco conhecido, como *Parque Industrial*, e a um, desconhecido, como *O Gororoba*. De fato, como cânone, o exemplar de *Cacau* foi relativamente fácil de encontrar em bibliotecas. Tal não foi o caso de *O Gororoba*, só encontrado, depois de muita procura, na biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na sua edição original. Sabe-se que o romance teve uma segunda edição em 1943, não encontrada.

O terceiro capítulo finaliza com uma seção sobre o resgate do romance proletário nos dias de hoje. A partir da tradução e publicação de *Parque Industrial* nos Estados Unidos, em 1994, mesmo ano da sua reedição no Brasil, confrontam-se os dois contextos que resgataram estes romances proletários, além de muitos outros que também estão sendo reeditados.

1 O SOCIALISMO E O ANARQUISMO NAS LETRAS BRASILEIRAS: A *BELLE ÉPOQUE*

1.1 A chegada das idéias de Marx ao Brasil

*No atual estágio da investigação historiográfica é impossível determinarmos, com precisão quando foi feita a primeira referência pública a Karl Marx no Brasil.
(Leandro Konder, 1988)*

Verifica-se que, embora o discurso inaugural redigido por Marx na primeira Associação Internacional dos trabalhadores em 28 de setembro de 1864, tenha sido um impulso para a disseminação de suas idéias, foi somente com a Comuna de Paris de 1871, que o nome de Marx se difundiu por todo o mundo.

O movimento parisiense, sintetizando inúmeros aspectos políticos e sociais presentes na Europa daquela época, possibilitou que o nome do teórico socialista fosse conhecido pelos intelectuais brasileiros, tal a repercussão que teve a sublevação européia. Registram-se, em 1871, no Rio de Janeiro, debates e divergências quanto à doutrina de Marx. Políticos do Império polemizaram acerca da implantação e dos fundamentos teóricos do comunismo, considerado, em um pré-juízo, como o "cancro" do mundo moderno.

À margem das divergências ideológicas entre os políticos do Império, o episódio da Comuna recebeu dos estudantes universitários em São Paulo uma conotação parodística. Buscando uma maneira de intimidar a "burguesia", os estudantes batizavam suas repúblicas com o nome de Comuna. Eram designados comunistas os manequins introduzidos nas sacadas dos prédios estudantis. Na verdade, tratava-se de uma brincadeira estudantil, sem nenhum selo marxista.

Por essa época, registraram-se também na imprensa brasileira as primeiras idéias marxistas. Em 1872, o jornal republicano do Recife, *Seis de Março*, publicou em dois números um estudo feito na Espanha sob o título As doutrinas do Dr. Carlos Marx. Talvez tenha sido esta a primeira vez que o nome de Marx apareceu em um jornal brasileiro.

No curso das discussões sobre as idéias marxistas, salienta-se a referência de Joaquim Serra, poeta e jornalista republicano, em 1879, ao autor de *O Capital*. Em uma nota publicada no jornal *A Reforma*, o parlamentar registrou as discussões na imprensa européia em torno da Comuna:

O Sr. Karl Marx, chefe da Internacional, cuja sede é em Londres acaba de escrever ao Times, declarando que a asserção apresentada ao Daily News de que a Associação recomendou aos rústicos franceses que incendiassem os palácios é de todo o ponto falsa, afirmando, outrossim, que todas as proclamações contendo infames sugestões, publicadas em Paris em nome da Internacional, depois de 18 de março, são apócrifas (SERRA apud KONDER, 1988, p. 69).

O filósofo, jurista, jornalista e poeta Tobias Barreto também referiu-se ao pensador alemão. Em 1874, ele o cita no ensaio *Socialismo em Literatura a Internacional de Karl Marx*; em 1883, no discurso de Colação de Grau de Bacharéis na Faculdade de Direito do Recife, o poeta pernambucano referiu-se novamente a Marx: "Karl Marx diz uma bela verdade quando afirma que cada período tem suas próprias leis... Logo que a vida atravessa um dado período evolutivo, logo que passa de um estágio a outro, ela começa também a ser dirigida por leis diferentes". (BARRETO apud MORAES, 2003, p. 217). Sempre interessado nas idéias propagadas na Alemanha, Barreto recebeu de lá um exemplar do primeiro volume d' *O Capital*.

O ano de 1883 também foi marcado por um acontecimento significativo: a morte de Marx. A *Gazeta de Notícias* do Rio, publicou na seção *Daqui e acolá*, a 16 de abril de 1883 um breve necrológio do ilustre finado. Rui Barbosa citou o autor do *Manifesto Comunista* em 1884; Sílvio Romero o fez em 1894. Ambos criticaram as idéias de Marx. Para Rui Barbosa, os socialistas corromperam a noção científica da propriedade e, para Sílvio Romero, Marx era representante de uma tendência para sacrificar o indivíduo ao social. Teriam estes intelectuais lido Marx? Tobias Barreto o teria feito, em alemão. Os demais, provavelmente não.

Nos últimos anos do século XIX e na primeira década do século XX ainda era extremamente difícil conhecer com precisão a obra de Marx no Brasil. Havia um despreparo doutrinário, pois até então nenhum livro de Marx ou Engels fora traduzido para o português. O estudo efetivo de Marx, apesar de alguns exemplos isolados, somente tomou fôlego no país depois de 1930, quando houve divulgação de sua obra, quer em línguas estrangeiras quer em traduções.

1.2 A referência a Marx em Machado de Assis

Em 13 de janeiro de 1885, Machado publicou, no jornal *A Gazeta de Notícias*, uma crônica, na qual menciona o nome de Marx, que confirma o ceticismo do escritor quanto aos ideais revolucionários do século XIX.

Machado narra uma história fictícia sobre a chegada ao Brasil de um socialista russo de nome Petroff. O personagem trabalhava para o Centro do Socialismo Universal com sede em Genebra. Fora incumbido de divulgar aqui os germens dos ideais socialistas e fundar uma sociedade secreta, conforme ele mesmo conta em seu relatório para o Centro. Toma conhecimento de que já havia um "Clube dos Socialistas" cuja atividade era abertamente conhecida pelo governo: "Pareceu-me que o melhor era fundar uma sociedade secreta, mas, com espanto, soube que já havia um Clube de Socialistas, e que a tolerância do governo é tal, que ele trabalha às claras" (ASSIS apud BOSI, 1982, p.101-102). Petroff, equivocadamente, supõe ser uma organização revolucionária, aquilo que é apenas uma agremiação recreativa. As distorções entre as convicções de Petroff e os seus supostos "correligionários" se sucedem, e chegam ao clímax quando, por ser um visitante estrangeiro, ele recebe uma homenagem do Presidente do Clube:

No fim de 15 a 20 minutos, levantou-se o Presidente, e declarou que saudava, em nome do Club dos Socialistas, ao ilustre estrangeiro que ali se achava: era eu. Levantei-me e respondi com o discurso que levava de cor. Não posso dar-lhe idéia dos aplausos que recebi.

Todas as teorias de Bebel, de Cabet, de Proudhon, e do nosso incomparável Karl Marx, foram perfeitamente entendidas e aclamadas (ASSIS apud BOSI, 1982, p. 101-102).

Petroff julga ser ovacionado pela platéia por causa do conteúdo revolucionário do seu discurso. Assim inclui em seu relatório:

Fizeram-se outros discursos, em que entendi pouco, mas que me pareceram animados dos bons princípios. Cada um deles era fechado por toda a reunião com o grito: Ué, ué, Catu! Suponho que é a fórmula nacional do nosso brado revolucionário: Morte aos tiranos (Ibid.).

A ironia machadiana é implacável com o socialismo de Karl Marx. Machado, evidentemente, não era socialista, e suas discussões em torno dos ideais marxistas demonstraram uma inviabilidade da instauração de uma efetiva organização operária no Brasil.

1.3 A chegada dos socialistas e dos anarquistas ao Brasil

A maciça imigração européia, no final do século XIX e no início do século XX, deu um impulso decisivo à divulgação das idéias socialistas e anarquistas no Brasil. Em geral, o destino dos imigrantes acabava sendo as fazendas de café, mas muitos deles deixaram o meio rural e se estabeleceram nas cidades, onde engrossaram a mão-de-obra industrial. Alguns já chegavam ao país com o firme propósito de trabalhar nas fábricas como operários e técnicos. Sob muitos aspectos a imigração acabou aumentando o número de trabalhadores nas indústrias que se expandiam e provocou profundas mudanças políticas no Brasil.

Os imigrantes, provindos principalmente do sul da Europa, trouxeram a sua experiência de luta e de organização, de pensamento e de reivindicação. Os baixos salários oferecidos pelos fazendeiros e pelos incipientes industriais levaram os trabalhadores a se aproximarem das idéias anarquistas e socialistas, muitas vezes expostas por companheiros de trabalho que a elas se devotaram em suas pátrias antes de serem deportados, acusados de participarem de insurreições e atentados terroristas.

Tal como no sul da Europa, o anarquismo tornou-se aqui mais forte que o socialismo. Em 1872, a partir da ruptura entre Marx e Bakunin por divergências ideológicas, cresceu a influência de Bakunin na Itália, em Portugal e, sobretudo, na Espanha. Barcelona, a maior cidade industrial da Espanha, era conhecida como a capital ou "viveiro" do anarquismo. Estes países deram vários anarquistas ao Brasil, fortalecendo o movimento recém organizado.

Já os socialistas que aportaram no Brasil encontraram dificuldades para organizar um partido político para os trabalhadores. A incipiência do proletariado urbano e a condenação anarquista da fundação de qualquer partido político constituíam sérios obstáculos aos seus projetos. Apesar das muitas diferenças entre os militantes socialistas e anarquistas, havia entre eles elementos ideológicos comuns. O ponto de partida de suas doutrinas era sempre a crítica ao capitalismo e a defesa de uma sociedade baseada na igualdade social. Chegaram a se aliar, em uma missionária tentativa de convencer operários a ingressarem em associações trabalhistas a fim de enfraquecerem as fortes instituições existentes – o governo, os partidos políticos conservadores e a Igreja Católica – e reivindicar melhores condições de trabalho.

1.4 As referências aos socialistas e anarquistas em Machado de Assis

Por ocasião das inúmeras tentativas socialistas de se organizar um partido para os trabalhadores no Brasil, Machado de Assis (1959, p. 35)¹, em crônica publicada n' *A Gazeta de Notícias* (15/05/1892) comentava: “Quando o Sr. Deputado Vinhaes, no intuito de canalizar a torrente socialista, creou e disciplinou o partido operário, estava longe de esperar que os patrões e negociantes iriam ter com elle um dia, nas suas dificuldades.”

Machado encarava com ceticismo as tentativas socialistas de organização dos operários. A adesão a uma ação política partidária com a fundação de um partido operário lhe parecia prematura, uma vez que inexistia um programa contundente de participação dos operários na política institucionalizada. Da tentativa de Vinhaes de criar um "partido operário" concluía: “[...] o partido operário pode ser o ovo de um bom partido conservador” (Ibid.).

Posteriormente, ironizando a propagação do socialismo no Brasil, em crônica publicada n' *A Gazeta de Notícias* (15/04/1894), comentava a respeito da notícia de que o socialismo era conhecido na China desde o século XI:

Não nos aflijamos se o socialismo apareceu na China primeiro que no Brasil. Cá virá a seu tempo. Creio até que há um esboço dêle. Houve, pelo menos, um princípio de questão operária, e uma associação de operários [...]. Cá chegará; os livros já aí estão há muito; resta só traduzi-los e espalhá-los (ASSIS, 1959, p. 78).

¹ Nesta dissertação, nas citações, foi respeitada a ortografia da época.

Machado também era cético em relação aos ideais anarquistas. Em crônica de *A Semana* (22/04/1894), Assis (1959, p. 81-82) afirma: “[...] E é aqui que eu pego os anarquistas. Como já estão em S.Paulo, não é preciso levantar muito a voz para ser ouvido além do Atlântico. Concordo com êles que a sociedade está mal organizada; mas para que destruí-la? Se a questão é econômica, a reforma deve ser econômica [...]”

Machado observa que, mais do que generosas e idealizadoras, as intenções de mudanças sociais devem ser prudentes e que a repartição de riquezas faz-se com pouco, isto é, devem-se aproveitar os recursos concretos de um país, de modo que as transformações no âmbito social, aos poucos, ganhem fôlego.

1.5 A referência a Marx em Euclides da Cunha

Euclides da Cunha é o primeiro intelectual brasileiro importante a ter tido uma idéia da perspectiva global de Marx [...]. O enfoque de Marx por Euclides, no processo da assimilação das concepções de Marx no Brasil, representa com certeza um momento novo.
(Leandro Konder, 1988)

Os artigos de Euclides da Cunha colaboraram para a divulgação dos postulados de Marx no Brasil e explicitam sua simpatia pelo movimento social a favor dos trabalhadores.

As primeiras alusões ao socialismo feita por Euclides não são acompanhadas do nome do pensador alemão, porém constituem uma defesa do regime socialista. Em artigo de 1º de maio de 1892 publicado pelo *O Estado de São Paulo*, Euclides expõe seu apreço ao socialismo, mas os nomes que lhe ocorrem são o de Spencer e o de Comte, que, praticamente, nunca deixaram de andar embaralhados com o socialismo nos primeiros anos de sua difusão no Brasil:

Seja qual for este regime por vir, traduza-me ele pela proteção constante do indivíduo pela sociedade, como pensa Spencer, ou pelas inúmeras repúblicas, em

que se diferenciara o mundo, segundo acredita Augusto Comte - ele sera, antes de tudo, perfeitamente civilizador. Que se passe sem lutas este dia notavel. O socialismo, que tem hoje uma tribuna em todos os parlamentos, não precisa de se despenhar nas revoltas desmoralizadas da anarquia (CUNHA apud MORAES; REIS FILHO, 2003, p. 31).

Em “Um velho problema”, artigo publicado em 1º de maio de 1904, também pelo jornal *O Estado de São Paulo*, Euclides menciona explicitamente o nome de Marx. Neste artigo, o autor de *Os Sertões* preocupa-se com a evolução teórica das grandes construções doutrinárias características do século XIX:

[...] das estupendas utopias de Saint-Simon e dos seus extraordinários discípulos às alienações de Proudhon, às tentativas bizarras de Fourier e ao sossobro completo da política de Luiz Blanc [...] - até Karl Marx - pois foi, realmente, com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva (CUNHA, 1907, p. 308-309).

Os desdobramentos das reflexões de Cunha revelam sua sensibilidade à doutrina marxista quanto à relação trabalho/produção:

A fonte única da produção e do seu corollario immediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as machinas, nem o capital, ainda colligados, as produzem, sem o braço do operário. Dahi uma conclusão irreductivel: - a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham. E um conceito deductivo: o capital é uma espoliação: Não se póde negar a segurança do raciocínio (Ibid., p. 310).

No mesmo artigo faz um ataque à exploração capitalista que colocava o trabalhador em um nível inferior ao da máquina, denunciando-lhe os efeitos nocivos na vida do operário:

[...] De facto, esta, (a máquina) na permanente passividade da matéria, é conservada pelo dono; impõe-lhe constantes resguardos no trazel-a integra e brunida, corrigindo-lhe os desarranjos [...] Ao passo que o operário, adistricto a salários escassos demais á sua subsistência, é a machina que se conserva por si, e mal; as suas dôres recalca-as, forçadamente stoico; as suas moléstias que por uma cruel ironia crescem com o desenvolvimento industrial (Ibid., p. 310-311).

Finaliza, sublinhando as injustiças produzidas pelo capitalismo fazendo uma apologia à socialização dos meios de produção e circulação:

Neste confronto se expõe a peccaminosa injustiça que o egoismo capitalista agrava, não permitindo, mercê do salario insufficiente, que se conserve tão bem como os seus aparelhos metallicos, os seus aparelhos de musculos e nervos; e está em grande parte a justificativa dos socialistas no chegarem todos ao duplo principio

fundamental: Socialização dos meios de produção e circulação; posse individual sómente dos objectos de uso (CUNHA, 1907, p. 312).

É possível então perceber, em Cunha, uma notável compreensão das teorias marxistas, tão rara entre seus contemporâneos. Parece também ter compreendido o poder de uma prática reivindicatória como a greve:

[...] Porque o caracter revolucionario do socialismo está apenas no seu programma radical. Revolução: transformação. Para a conseguir basta-lhe erguer a consciencia do proletariado, e - conforme e norma traçada pelo Congresso Socialista de Pariz, em 1900 - aviventar a arregimentação politica e economica dos trabalhadores. Porque a revolução não é um meio, é um fim; embora, ás vezes, lhe seja mister um meio, a revolta. Mas esta sem a fórmula dramatica e ruidosa de outr'ora. As festas do primeiro de maio são, quanto a este ultimo ponto, bem expressivas. Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um acto simplissimo: cruzar os braços...

Porque o seu triumpho é inevitável (Ibid., p. 313-314).

No artigo “A missão na Rússia”, publicado em *Contrastes e confrontos* (1907), Euclides arrisca uma previsão acerca do futuro da nação russa: “[...] nenhum outro (país) é mais apto a garantir a marcha, o rhythmo e a diretriz da propria civilização europeá. [...] será (a Rússia) o guarda titanico invencivel, não já de sua civilização, mas também de toda a civilização europea (Ibid., p. 176).”

O artigo trouxe também um interessante depoimento do escritor sobre o romance russo, seus personagens e os temas explorados, revelando sua familiaridade com essa literatura:

[...] Qualquer romance russo é a glorificação de um infortunio. Quem quer que os delecteie, variando á vontade de auctores e de assumptos, deparará sempre a dolorosa mesmice da desdita invariavel, trocados apenas os nomes aos protagonistas: todos os humildes, todos os doentes, todos os fracos: o mujik, o criminoso impulsivo, o revolucionario, o epileptico incuravel, o neurasthenico bizarro e o louco. Desenvolvendo este programma singular e inexplicavel, porque, [...], não ha paiz que possua menor numero relativo de degenerados, o que domina o escriptor russo não é a these preconcebida, ou o caracter a explanar friamente, senão um largo e generoso sentimento da piedade, deante do qual se eclipsam, ou se annullam, o platonico humanitarismo francez e a artistica e secca philantropia britannica (Ibid., p. 174).

Embora a simpatia pelo socialismo seja explícita em seus escritos, Cunha, ao que consta, não teve uma ação partidária. Contudo, sabe-se que sua vida e obra sempre se inclinaram para um profundo sentido de renovação, de espírito de justiça social, de denúncia contra a miséria e de exploração do homem pelo homem.

1.6 O anarquista Lima Barreto

*O maior de todos os brasileiros influenciados pelo Anarquismo foi Lima Barreto.
(Vamireh Chacon, 1965)*

Desde os primeiros anos do século XX, Lima Barreto deixou clara sua posição libertária, independente de paixões partidárias. Como colaborador da imprensa anarquista, fundou, em 25 de outubro de 1907, a revista *Floreal*, para a divulgação dos ideais libertários. Sua adesão ao anarquismo ocorreu em 1913, em artigo intitulado “Palavras de um Snob Anarquista”, publicado em 15 de maio no jornal *A Voz do Trabalhador*. Escrevendo, sob o pseudônimo de Isaías Caminha, em defesa das reivindicações operárias, Barreto (1961, 216) afirma:

[...] teimam... também os jornais em encontrar nessa questão da reforma social um simples questão de salário. É uma teima que lhes fica bem, mas, é preciso que se lhes diga, não é das mais dignas, nem das mais brilhantes.

Há em tal questão, mais uma questão de dignidade humana, de direito que têm todos a encontrar na terra felicidade e satisfação, do que mesmo desejo de um maior ou menor ganho.

O que não é justo, é que poucos possam encontrar na vida mais que o supérfluo, e alguns mais, o unicamente o necessário.

O autor esclarece ainda:

Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas; e se há muitos que o são por ignorância ou "esnobismo" consoante o dizer do jornalista conservador, mesmo assim merecem simpatias dos desinteressados, porque não usam daquelas ignorâncias nem daqueles "esnobismos" que dão gordas sinecuras na política e sucessos sentimentais nos salões burgueses (BARRETO, 1961, 218).

Mas sua posição libertária não parou aí. Manifestou-se contra a guerra, atacando violentamente o militarismo, e apoiou, incondicionalmente, o movimento operário como escritor e jornalista. Revoltou-se contra a plutocracia paulista que mandava sua polícia invadir lares humildes de trabalhadores, altas horas da noite, maltratando mulheres e crianças.

1.7 O impacto da Revolução Russa no Brasil

A Revolução Russa de novembro de 1917, com a tomada do poder pelo Partido Bolchevique, dirigido por Lênin, teve uma repercussão decisiva no Brasil: pode-se dizer que ela deu início a um período novo na difusão da idéias de Marx entre nós.
(Leandro Konder, 1988)

O Brasil tinha acabado de entrar na Primeira Guerra Mundial quando chegaram as notícias sobre a Revolução bolchevista. As informações chegavam à imprensa brasileira por meio de telegramas, contudo não dava para saber direito o que estava acontecendo na Europa. Termos como comunistas, leninistas, bolchevistas e maximalistas eram usados para designar os revolucionários.

Em um primeiro momento, até Rui Barbosa recebeu a Revolução Russa com simpatia, julgando-a liberal por haver derrubado a tirania czarista. Os anarquistas também a saudaram como se tivessem obtido êxito em suas convicções revolucionárias. Com o passar do tempo, verificou-se que do anarquismo operário e do positivismo intelectual somente uns poucos passaram de fato ao comunismo.

O impacto da Revolução Russa no Brasil foi registrado por Otávio Brandão, um comunista, anteriormente anarquista. Em seu livro de memórias *Combates e batalhas* (1978) ele escreve sobre a reação do anarquismo brasileiro às notícias sobre a Rússia: “No Brasil, a princípio, os anarquistas apoiaram a revolução socialista na Rússia. Imaginaram que ela fosse de caráter anarquista. Depois, veio o desengano. Passaram a atacar violentamente a revolução socialista” (BRANDÃO, 1978, p. 211). Relata também suas primeiras impressões sobre os revolucionários socialistas:

Na Rússia, triunfou a revolução socialista, com Lenin e o partido bolchevista à frente! Fiquei sério, pensativo, impressionado. Que seria? Como compreender a revolução socialista? Qual seria a sua significação profunda e complexa? Na época, não tinha nenhuma condição para compreender a significação profunda da obra de Lênin (Ibid., p.115).

Interessado em pesquisar quem era Lenin, o que era o marxismo, Brandão registra as raras fontes de referência à obra de Marx:

Em Maceió, em 1917-1919, o ambiente era muito atrasado. Procurei livros e pessoas que me orientassem sobre os problemas sociais, Lênin, o marxismo e a revolução socialista na Rússia. Só encontrei o velho livro de 1882, Rússia subterrânea de Stepniák (Kravtchínski), sobre os chamados niilistas e o Narodnaia Volia. Nada mais (Ibid., p. 124).

O autor não encontra respostas para seus questionamentos sobre a revolução socialista na Rússia: “__ Quem é Lênin? Que é o marxismo? Que significa a Revolução Socialista na Rússia? Não obtive nenhuma resposta concreta até 1922. Tudo vago, incerto. Ou completamente errôneo. Na época, ninguém conhecia o marxismo no Brasil. Que atraso!” (Ibid., p.135).

Brandão (1978, p. 113), ao citar seu próprio artigo intitulado “O Apelo à Revolta” e publicado em *A Semana Social*, a 27 de outubro de 1917, mostra sua inclinação para o filão de leituras sobre a Rússia de Lenin, destacando o romance *A Mãe* (1907), de Máximo Gorki, o escritor que se tornou símbolo da Revolução de Outubro: “O romance *A Mãe*, de Máximo Gorki, aparece como um grito à Revolta, como um clarim vibrando sonoro no meio da debandada.”

Na obra *Combates e Batalhas*, Brandão (1978, p. 113-114) tece os seguintes comentários sobre esse artigo:

No apelo, comparei o Norte do Brasil à Rússia Tzarista, mergulhada na mais profunda miséria. Estigmatizei a ganância dos comendadores capitalistas. Denunciei os abutres da politicalha. Condenei a hipocrisia de uns, a sujeição e a passividade de outros, a apatia moral e a falta de solidariedade de terceiros. Chamei o povo a protestar.

O autor, ainda no artigo, faz o seguinte apelo: “Pavel, meu herói sem nome! Que a tua palavra obscura tremule sobre a terra brasileira, levante-a num ímpeto estupendo e sobre ela um clarão de revolta!” (Ibid., p. 114).

É interessante notar a presença do escritor russo Gorki no Brasil já nas primeiras décadas do século XX. Do romance *A Mãe*, sabe-se que existe uma tradução do início do século, publicada em edição luso-brasileira, cujo prefácio francês é de 1907. Em São Paulo, o surgimento do Grupo Dramático Máximo Gorki, em 1913, confirma a simpatia que o escritor russo despertava entre nós, mesmo antes da revolução bolchevique.

Além do desconhecimento do marxismo pelos brasileiros, Otávio Brandão sublinha os "equivocos" divulgados pela imprensa sobre a revolução socialista na Rússia:

[...] as informações a respeito da revolução na Rússia eram vagas, incertas e muito insuficientes, quando não torpes. Não se podia adquirir um conhecimento exato e profundo dos acontecimentos. Ninguém tinha uma base marxista para compreendê-los a fundo.

A notícia da revolução socialista na Rússia provocou, no Brasil, o ódio bestial, o pânico e o estupor no seio dos grupos imperialistas, dos latifundiários e da grande burguesia, com seus jornalistas e intelectuais. Desencadearam campanhas furiosas de calúnias e falsificações contra a revolução e os bolchevistas, que eles chamavam maximalistas (BRANDÃO, 1978, p. 165).

Contudo, se a burguesia a odiou, os trabalhadores a saudaram com entusiasmo. No Rio de Janeiro, em 1º de maio de 1919, 60 mil trabalhadores desfilaram pela Avenida Rio Branco dando vivas a Lenin e à revolução socialista na Rússia.

1.8 A referência à Revolução Russa em Lima Barreto

Nenhum dos outros (escritores) soube como ele penetrar o sentido profundo dos acontecimentos que se desenrolavam aos olhos de todos. Nenhum dos outros foi capaz de perceber a importância histórica da revolução russa de 1917, e nenhum deles pode rivalizar com Lima Barreto no que se refere ao instinto seguro da sua visão relativamente aos problemas políticos e sociais do pós-guerra.
(Astrojildo Pereira, 1991)

Lima Barreto afinava com a grande euforia dos militantes anarquistas que tomaram a frente da propaganda da Revolução Russa no Brasil e exortaram o triunfo do bolchevismo, congregando novos adeptos para o chamado programa maximalista de Lenin. O autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* acolhia as mudanças que seriam propiciadas pela fundação revolucionária do comunismo no Brasil, e se referia ao maximalismo como portador de reformas possíveis dentro de cada sociedade.

A significação histórica da Revolução Russa de 1917 e suas conseqüências para o mundo foi um tema que Lima Barreto debateu em muitos de seus artigos. No ajuste de contas..., (01/05/1918), Barreto elabora uma espécie de manifesto político e de programa revolucionário, e expõe suas idéias inspiradas na Revolução de Outubro, propondo medidas que, a seu ver, viriam solucionar os problemas políticos e sociais de seu tempo:

A propriedade é social e o indivíduo só pode e deve conservar, para êle, de terras e outros bens tão-sòmente aquilo que precisar para manter a sua vida e de sua família, devendo todos trabalhar da forma que lhes fôr mais agradável e o menos possível, em benefício comum [...] terminando êste artigo, que já vai ficando longo, confesso que foi a revolução russa que me inspirou tudo isso (BARRETO, 1956, p. 90).

No artigo “Da Minha Cela” (25/11/1918), redigido na época em que Barreto se encontrava internado para tratamento de saúde, o escritor manifesta-se enfaticamente contra o repúdio burguês à Revolução Russa :

Esse ódio ao maximalismo russo que a covardia burguesa tem, na sombra, propagado pelo mundo; essa burguesia cruel e sem coragem, que se embosca atrás de leis feitas sob a sua inspiração e como capitulação diante do poder do seu dinheiro; essa burguesia vulpina que apela para a violência pelos seus órgãos mais conspícuos, detestando o maximalismo moscovita, com razão de estado; esse ódio - dizia - não se deve aninhar no coração dos que têm meditado sobre a marcha das sociedades humanas. A teimosia dos burgueses só fará adiar a convulsão que será então pior, e êles se lembrem, quando mandam cavilosamente atribuir propósitos iníquos aos seus inimigos, pelos jornais irresponsáveis; lembrem-se que, se dominam até hoje a sociedade, é à custa de muito sangue da nobreza que escorreu da guilhotina, em 93, na Praça da Grève, em Paris. Atirem a primeira pedra (BARRETO, 1956, p. 103).

Em outro artigo, “Vera Zassúlitch” (14/07/1918), Barreto (Op. cit., p. 72-74) explicita o seu desejo de ver uma revolução no Brasil:

Não posso negar a grande simpatia que me merece um tal movimento; não posso esconder o desejo que tenho de ver um semelhante aqui, de modo a acabar com essa chusma de tiranos burgueses, acorados covardemente por detrás da Lei. [...]

Precisamos deixar de panacéias; a época é de medidas radicais. Não há quem, tendo meditado sobre esse estupendo movimento bolcheviquista (sic), não lobrigue nele uma profunda e original feição social e de um alcance de universal amplitude sociológica. Não posso negar a grande simpatia que me merece um tal movimento; não posso esconder o desejo que tenho de ver um semelhante aqui, de modo a acabar com essa chusma...

Meses depois, no artigo “Sobre o Maximalismo” (01/03/1919), reconhece que a revolução no Brasil teria que encontrar suas próprias fórmulas e medidas:

Lembrei tudo isto, porquanto tendo há quase um ano, como já disse, deitado uma espécie de manifesto maximalista, estou na obrigação e me julgo sempre obrigado a seguir o que aqui se disser a respeito dos ideais da revolução russa em que me baseei naquele meu escrito. Digo ideais e não as fórmulas e medidas especiais, porquanto, desde o comêço, tinha visto que elas não podiam ser as mesmas em todos os países (Ibid., p. 161).

Na crônica “Memórias de Guerra” (17/04/1920), Barreto (1961, p. 186) faz a seguinte referência a Lenin: “É êste o grande homem do tempo, que preside, com tôda a audácia, uma grande transformação social da época...” Escrevia isto, em um momento em que toda a grande imprensa se posicionava contra o líder da Revolução de Outubro. Sob o título “Palavras dum simples” (22/07/1922), defende sua posição em face das facções políticas que se digladiavam na arena nacional:

Seria capaz de deixar-me matar, para implantar aqui o regímem maximalista; mas a favor de Fagundes ou de Brederodes não dou um pingão do meu sangue.

Tenho para mim que se deve experimentar uma ‘tábua rasa’ no regímem social e político que nos governa; mas mudar só de nomes de governantes nada adianta para a felicidade de todos nós (BARRETO, 1961, p. 59).

Barreto morreria em 1922, defendendo os ideais da Revolução de Outubro. Ele foi o primeiro grande escritor brasileiro a saudar a Revolução Russa. Sabe-se, com efeito, que defendia a criação de uma literatura que conjugasse a grandeza estética com um profundo espírito popular e democrático, com uma aberta tomada de posição em favor dos desassistidos moral e materialmente.

1.9 A Literatura Anarquista

De qualquer modo, seja nas profundezas da expressão ainda não articulada do social, seja na superfície já elaborada e contraditória das formas textuais, o pensamento e a literatura libertários inscreviam-se inteiramente na história literária "nacional": quem os colocava de fora era o discurso dominante.

(Francisco Foot Hardman, 2003)

Se a presença do anarquismo e do socialismo no cânone brasileiro da *Belle Époque* foi marginal, na produção não canônica da época textos anarquistas marcaram presença. Contos, romances e poesia foram então produzidos e publicados em jornais e revistas que os acolheram. O teatro também foi outro meio fecundo para difundir os ideais libertários. Vários grupos amadores, vinculados a agremiações operárias, existiram no período. Apresentavam-se em sindicatos e espaços improvisados, tinham no seu repertório peças de crítica social e política, de autores nacionais e estrangeiros. Textos que atacavam frontalmente o sistema vigente eram encenados em comemorações e reuniões operárias.

A literatura anarquista colocou como protagonista de seus textos a vida do trabalhador oprimido. Este enfoque dos textos libertários revestiu-se de cunho educativo, e tinha como principal objetivo o esclarecimento quanto à exploração do trabalho. As produções abordavam os confrontos na rua, no trabalho, na fábrica, entre o pobre e o rico, o faminto e o policial, a operária e o patrão, o burguês e o mendigo. Registram-se então os anseios do trabalhador, que se converte em personagem central da ação, resistindo à exploração.

A literatura anarquista merece ser resgatada, tanto como sistema autônomo de militância intelectual - vanguarda política que pretendia a conscientização da classe operária para a defesa dos ideais libertários - quanto como contraponto à vanguarda estética, que a superou, sobretudo a partir da Semana de Arte Moderna.

A canonização da vanguarda estética contribuiu para que a questão da linguagem servisse de pretexto para as várias restrições que a tradição crítica literária veio impondo às obras anarquistas no Brasil. Criticava-se que a forma parnasiana do soneto seja a preferida na poesia libertária, que a narrativa tradicional (narrador linear e onisciente) apareça no romance e que com frequência essa literatura enverede pelo panfletarismo retórico, características consideradas passadistas se confrontadas com o projeto estético dos modernistas da Semana.

Pode ser produtivo refletir sobre a temática libertária. Consideremos o poema:

Rebelião

Como um vago murmúrio,
Mansa a princípio, ela ecoa,
Depois é grito bravio
Que pela noite reboa,
Que para a noite se eleva

Num pavoroso transporte,
Como um soluço de treva,
Como um frêmito de morte.

Ah! Nesse grito funesto,
Nesse rugido, palpita
Um rancoroso protesto.
É o povo a plebe maldita
Que, sombria, ameaçadora,
Nas vascas do sofrimento,
Mistura aos uivos do vento
A grande voz vingadora.

E quando comece a luta,
Quando explodir a tormenta,
A sociedade corrupta,
Execrável e violenta,
Iníqua, vil, criminosa,
Há de cair aos pedaços
Há de voar em estilhaços

Numa ruína espantosa (GONÇALVES apud HARDMAN, 2002, p. 129-130).

Note-se o quanto o texto encontra-se premido entre a respeitabilidade das formas convencionais e o compromisso social com o universo dos "de baixo", arranjo que provoca um descompasso, uma estranheza, um padrão estético distinto dos modelos então consagrados. Esse "parnasianismo libertário", combinando insubordinação política com o jargão do Parnarso, admite ser pensado como um resultado original.

Também os contos anarquistas merecem ser reconsiderados. Menos conhecidos que os romances, têm um tom menos retórico. Neles, o tema da miséria urbana ganha a modernidade do flagrante que registra um período de desmedido crescimento urbano, gerador de uma série de tensões sociais. No início do século, as grandes cidades brasileiras cresciam de maneira desordenada e tumultuada. De um lado, havia o clima de euforia motivado pelo progresso industrial e pela urbanização; de outro, um clima de insatisfação e pessimismo motivado pelo acirramento dos conflitos sociais. O progresso criava massas de excluídos e fazia crescerem o movimento operário e as greves. A carestia e a instabilidade dos empregos eram cada vez maiores.

Os contos libertários produzidos então mostram bem a imagem das cidades tomadas pela miséria onde, por exemplo, vagabundos eram retirados de circulação se fossem

capturados no centro do Rio de Janeiro. É o caso do conto “Placas Fotográficas 1”, publicado no jornal anarquista *Novo Rumo* (20/07/1906), que narra a prisão de um "pretinho maltrapilho" surpreendido por um policial ao roubar comida:

— Não vou! Me largue, não vou! Ah, berrava um pretinho maltrapilho que, por inexplicável ironia, vestia uns frangalhos de camisa de meia, com as cores nacionais.
[...]

O soldado que o prendia entre os braços fortes como tenazes praguejou, levando a mão ao rifle:

— Raios te partam, safado! Anda simão! (PRADO; HARDMAN, 1985, p. 100).

O conto expõe a insensibilidade da "burguesia" em relação à cena:

Um burguês obeso, em colete, sem chapéu, com um enorme brilhante a reluzir no dedo mínimo e uma medalha também a reluzir, pendente da cadeia de ouro que descansava sobre o ventre volumoso, acercou-se do grupo, estirou o pescoço e inquiriu:

— O que é, camarada?

— É que este safado roubou, ali na confeitaria, uma posta de peixe e comeu-a; ia a fugir e eu prendi-o

[...]

— Leve-o, leve-o, camarada, rugiu o burguês, com uma acentuação enérgica (Ibid., p. 100-101).

Expõe também a inconsciência política do povo que, como "matilha" a seguir obedientemente as ordens do dono, "rosna" para o pretinho:

— Leva! Leva! Gritavam muitas pessoas do povo.

[...]

A multidão seguiu o soldado que cada vez mais encolerizava contra o pretinho, que cada vez mais também aumentava o berreiro. E assim seguiram, o pretinho berrando, lutando pela liberdade que lhe queriam roubar depois de o terem criado, talvez na rua, ao Deus dará, na vadiagem, sem educação e sem guia; os transeuntes, açulando o soldado, executor de uma lei que é a pura iniquidade. E toda a matilha pobre e inconsciente, respeitadora da ordem, da lei e da propriedade, lá ia rua afora, rosnando, mostrando os dentes ao pretinho (PRADO; HARDMAN, 1985, p. 100-101).

Em “Placas Fotográficas 1”, tem-se ainda o registro de uma época de reconstrução do Rio de Janeiro. O rosto novo e moderno da cidade foi construído com sacrifício dos pobres expulsos para a periferia. Esperava-se tornar o Rio uma "Europa possível". A cidade ganhava em sofisticação, afastando dramaticamente a miséria de seu centro. Enquanto a elite carioca passeava nos bondes, a massa explorada

de trabalhadores levantava paredes de grandes casas, onde jamais habitariam:

Tarde alegre e movimentada. Os elétricos da *Light* passam céleres, pejados de burgueses e burguesas elegantes em busca do *ménage* onde os espera o jantar fumegante. Operários suarentos labutam nos andaimes das casas em construção, arriscando a vida a cada momento, vergados uns ao peso de vigas enquanto que outros, no alto, enfileiram tijolos sobre argamassa, levantando paredes de grandes casas que eles jamais habitarão. Há por toda rua retintim de bigornas, trilar de apitos dos cocheiros de bondes, tlim-tlim das campainhas dos elétricos, enfim toda a música do trabalho que enriquece os parasitas que nada fazem e empobrecem cada vez mais o trabalhador (PRADO; HARDMAN, 1985, p. 100).

Exaltando o operário, num momento em que o cânone o marginalizava, a literatura anarquista representa, de fato, a vanguarda política nas Letras Brasileiras da *Belle Époque*. Seus textos libertários atraíram autores interessados em apresentar leituras alternativas e perspectivas outras da história do país, diferentes daquelas oferecidas pelos representantes oficiais da memória nacional.

2 O COMUNISMO NAS LETRAS BRASILEIRAS: O ENTRE-GUERRAS

2.1 Do anarquismo ao comunismo

Sob a influência da revolução russa e de Lenine (1917-1920), abandonei o anarquismo, tornando-me marxista.
(Astrojildo Pereira, 1991)

Com a eclosão da Revolução Russa de 1917, propagou-se o nome de Marx na imprensa brasileira, agora acompanhado de Lenin e Trostki. O marxismo foi divulgado no Brasil pelo viés das lentes bolcheviques.

Ao mesmo tempo, intensificaram-se as discussões sobre a necessidade de o movimento operário encontrar novas formas de organização para superar o impasse ideológico entre anarquistas e socialistas. Vários grupos comunistas foram formados, o que preparou o caminho para a criação do Partido Comunista do Brasil em 1922.

O aparecimento do PCB provocou uma cisão no movimento anarquista, contribuindo para acelerar o processo de desarticulação interna de suas lideranças. Os novos grupos declararam abertamente querer fazer política. O PCB foi organizado por 11 ex-anarquistas e um socialista. Os demais, como Astrojildo Pereira e Otávio Brandão, provinham da militância

anarco-sindicalista. No quadro geral de adesões, poucos foram os intelectuais que firmaram um compromisso com o PCB nos primeiros anos.

Em *Combates e batalhas* (1978), Brandão (1978, p. 237) relembra a fundação do PCB, sublinhando as dificuldades e os obstáculos por que passou o Partido nos primeiros anos:

[...] foram inúmeros os obstáculos e as dificuldades que se opuseram ao Partido Comunista do Brasil desde o primeiro momento e, especialmente, nos primeiros anos. [...]. O PCB era, então, uma pequena seita, fechada, formada sobretudo por artesãos e pequenos-burgueses urbanos, vindos do anarquismo e anarco-sindicalismo. Muitos operários eram analfabetos. Os sindicatos estavam reduzidos a esqueletos. [...] como forjar um Partido Comunista? Dificílimo. [...] no Brasil não existia nenhuma tradição marxista. A classe operária nunca teve o seu partido político de classe independente. [...] Antes de 1922, nunca houve, em nosso país, verdadeiros partidários de Marx. Não se pode dar o título de marxista a uma pessoa que lê Marx nas horas vagas e divaga a respeito entre as quatro paredes de um gabinete.

Um ano depois, em 1923, Brandão (1978, p. 242-243) traduziu *O Manifesto Comunista* - primeiro livro de Marx editado no Brasil, 75 anos após ter sido lançado na Europa:

[...] Os agentes de polícia política vigiavam sempre a pequena farmácia da rua General Câmara 307.

À vista dos agentes, sentei-me num tamborete junto à escrivaninha e, em maio de 1923, comecei a traduzir o imortal *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, da edição francesa de Laura Lafargue (filha de Marx), revista pelo próprio Engels. Traduzi-o como um protesto contra as perseguições da polícia aos trabalhadores. Terminei a tradução a 25 de julho de 1923. Publiquei-a integralmente no jornal sindical *Voz Cosmopolita*, a partir de 1923. Fiz, pois, mais uma obra de pioneiro.

O PCB nasceu como expressão de um movimento mundial e suas bases teóricas e de organização seguiam orientação vinda da III Internacional Comunista (1919). O Partido devia adaptar as diretrizes à sua realidade, problema que dependia das condições particulares da sociedade brasileira.

2.2 O Modernismo de 1922 e o Comunismo

A proximidade entre o PC e o modernismo parece ocorrer somente pela coincidência temporal da fundação do partido com a explosão do modernismo em 1922. Fora isto e alguns

*itinerários algo conturbados, os desencontros ou um
significante silêncio parece habitar o (não) relacionamento.
(Antônio Albino,
1995)*

Observa-se que os participantes mais atuantes da Semana Modernista de 22 não privilegiaram a vinculação do movimento a um ideário político. O interesse pelo comunismo ou pelo marxismo foi preterido pela "orgia intelectual". Em 1942, Mário de Andrade (1974, p. 237-238) fez um balanço do movimento, sublinhando o seu caráter "desinteressado":

Durante essa meia-dúzia de anos fomos realmente puros e livres, desinteressados [...] Isolados do mundo ambiente, cercados de repulsa quotidiana, a saúde mental de quase todos nós, nos impedia qualquer cultivo da dor [...] Ninguém pensava em sacrifício, ninguém bancava o incompreendido, nenhum se imaginava precursor nem mártir.

Escrevendo em plena Segunda Guerra Mundial, em tempos de engajamento do intelectual, Mário revê com lentes críticas o seu abstencionismo e o dos modernistas de 22:

[...] nós, os participantes do período milhormente chamado "modernista", fomos, com algumas exceções nada convincentes, vítimas do nosso prazer da vida e da festança em que nos desvirilizamos. Si tudo mudávamos em nós, uma coisa nos esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea [...] Deveríamos ter inundado a caducidade utilitária do nosso discurso, de maior angústia do tempo, de maior revolta contra a vida como está. Em vez: fomos quebrar vidros de janelas, discutir modas de passeio, ou cutucar os valores eternos, ou saciar nossa curiosidade na cultura.[...] Eu creio que nós, os modernistas da Semana de Arte Moderna, não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase totalmente política da humanidade. [...] Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois. E, apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudâmos verdadeiramente, duma coisa não participâmos: o amilhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade (Ibid., p. 253-255).

Oswald de Andrade (1992, p. 37) foi outro modernista de 22 que deixou registrada sua crítica ao desengajamento tanto o próprio como o do movimento. Em 1933, já filiado ao PCB, escreve no prefácio de *Serafim Ponte Grande*:

A situação "revolucionária" desta bosta mental sul-americana, apresentava-se assim; o contrário do burguês não era o proletário - era o boêmio! As massas, ignoradas no território e, como hoje, sob a completa devassidão econômica dos políticos e dos ricos. Os intelectuais brincando de roda. De vez em quando davam tiros entre rimas. [...] Com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário do

mundo, ignorando o *Manifesto Comunista* e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio.

Sua boemia intelectual e a dos outros modernistas é exemplarmente descrita por Andrade (1974, p. 237-238), em “O Movimento Modernista”:

[...] E eram aquelas fugas desabaladas dentro da noite, na cadillac verde de Oswald de Andrade, a meu ver a figura mais característica e dinâmica do movimento, para ir ler as nossas obras-primas em Santos, no Alto da Serra, na Ilha das Palmas... E os encontros à tardinha, em que ficávamos em exposição diante de algum raríssimo admirador, na redação de "Papel e Tinta"... E vivemos uns oito anos, até perto de 1930, na maior orgia intelectual que a história artística do país registra.

Oswald de Andrade (1992, p. 38). também lamentou o fato de que em viagem pela Europa em 1912, "tinha passado por Londres, de barba, sem perceber Karl Marx." Termina o seu *mea culpa*, criticando o persistente desengajamento de Mário de Andrade, com quem havia rompido, e confirmando a sua "profissão de fé" ao Partido Comunista:

Enquanto os padres, de parceria sacrílega, em São Paulo com o professor Mário de Andrade [...] cantam e entoam, nas últimas novenas repletas do Brasil:
No céu, no céu

Com "sua" mãe estarei!
eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo. E possuído de uma única vontade. Ser pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária (Ibid., p. 39).

Mário morreria em 1945 sem jamais ter se filiado ao PCB. Somente mais tarde, em 1933, respondendo a um questionário que lhe foi encaminhado pela editora *Macauley and Company*, manifestou robustas esperanças no socialismo como idéia. Já Oswald abandonaria o PCB no mesmo ano após uma militância apaixonada em prol dos ideais comunistas.

2.3 Os intelectuais e o comunismo na década de 1930

2.3.1 Leituras

Procurei aqui em São Paulo, alguns livros de Marx, como O Capital e não pude encontrar. Ninguém nas livrarias sabia o que era isso. O Brasil nesse sentido estava longe do resto do mundo. Importei os livros da Europa e comecei a ler (Caio Prado Junior, 1991)

No final da década de 20, no Brasil, ocorre a tomada de consciência ideológica de intelectuais e artistas então seduzidos para a política e para o PCB. O crescimento da imprensa comunista atuante desde 1922, contribui para essa conversão.

Publicações fazem-se notar, tal como a da revista *Movimento Comunista*, que surge como um eficiente meio de propaganda e difusão do comunismo. A edição de livros no Brasil é noticiada pela revista e sinaliza o esforço de alterar o quadro de quase inexistência de literatura comunista entre nós. Mesmo após a Revolução de 30, a situação não muda muito no que se refere aos livros de Marx. Mas sabe-se que *Os princípios do comunismo*, de Engels, e *ABC do comunismo*, de Bukharin, são dois livros que têm grande influência nesses anos.

A década de 30, portanto, apesar de se iniciar sob o signo de forte repressão ao PCB, vai aos poucos desenvolvendo um clima cultural propício à divulgação de livros comunistas e de textos sobre a União Soviética. Nessa altura, começam a ser discutidas as noções de "luta de classes", "espoliação", "mais-valia", "moral burguesa", "proletariado".

O comunismo se faz notar nos textos de vários ensaístas, sociólogos e, especialmente, de ficcionistas que se deixam contagiar pelas idéias revolucionárias. Forma-se então um relativo público leitor e um mercado de livros e periódicos no país. Na revista, *Boletim de Ariel*, a partir de 1930, registram-se importantes debates político-culturais, como aquele centrado no socialismo soviético e o que se volta para a literatura proletária.

O comunismo veio a ser finalmente divulgado entre os intelectuais brasileiros, ainda que Marx permanecesse quase um desconhecido, tal como confessa Jorge Amado, em entrevista a Raillard (1990, p. 74): "Eu nunca lera Marx, não sei se muitos dentre nós o leram [...] mas a maioria dos líderes do PC sem dúvida jamais o leu."

2.3.2 Filiação

Das leituras, alguns intelectuais passaram de fato à filiação ao PCB. Se no resto do Ocidente este engajamento já estava se dando desde a Revolução Russa de 1917, no Brasil foi sobretudo a partir da Revolução de 1930 que ocorreram efetivas adesões ao partido. A Revolução de 17 certamente sensibilizou os intelectuais brasileiros; contudo, o ano de 30 foi notoriamente o marco para que o comunismo ascendesse nos debates nacionais.

2.3.3 Obreirismo

As adesões de intelectuais ao PCB acontecem no momento em que o Partido se "bolcheviza", submetendo-se mais rigidamente às ordens e regras da III Internacional Comunista.

Desde fins de 1929 até meados de 1934, o PCB empreendeu o programa de proletarização do Partido que desembocou no obreirismo, uma versão que incitou "desprezo" pelos aliados de classe. Seguiu-se o afastamento dos militantes intelectuais que ocupavam postos de direção, os quais passaram a ser ocupados por militantes de origem proletária.

Esta política se caracterizou pela valorização do modo de vida proletário, em detrimento do intelectualismo burguês, apontado então como responsável pelo imobilismo do Partido. Aqueles militantes de origem intelectual que pretendessem continuar nas fileiras do Partido deveriam experimentar o *modus vivendi* do trabalhador e exaltar as virtudes proletárias. O programa testaria assim as escolhas partidárias dos intelectuais.

Ao centrar as suas propostas em torno da proletarização, o PCB pretendia uma revisão das funções assumidas pelos intelectuais até então representantes da burguesia. O intelectual que desejasse ingressar no PCB tinha de passar por vários testes para mostrar que poderia fazer parte do proletariado, provando assim afinidades com esta classe.

Além disso, "travestido" de operário, o intelectual poderia transmitir nos seus escritos, de modo mais "verdadeiro", as experiências adquiridas com o mundo do trabalho. Defendendo o obreirismo, Amado (1946, p. 11) afirma:

Indomável partido do proletariado! E dos sábios e dos escritores! Onde iríamos nós caber, pôr acaso, senão dentro deste partido que é do povo? Só nas fileiras poderemos fortalecer, ao contato com o proletariado e o povo, a nossa capacidade de criação artística e científica.

Contudo, dado o peso excessivo de obrigações impostas aos militantes, foram muitos os que não acolheram o obreirismo, em sua prática, com o entusiasmo de Amado, ainda que acolhessem o "proletariado" como tema em seus escritos.

2.4 A literatura e o "proletariado"

Grande parte da literatura que se desenvolveu na década de 30 no Brasil preocupou-se em trazer para as letras brasileiras o tema pouco explorado do cotidiano do trabalhador oprimido, incluindo o proletário, que emergia então no cenário nacional como fruto da miséria urbano-industrial.

Nesta nova interpretação da realidade do trabalho no Brasil, os escritores tentaram assumir, em seus textos, o discurso da classe trabalhadora, problematizando a idéia de que o intelectual não seria capaz de interpretar, de fato, os interesses dos oprimidos. Esta problemática comparece, explícita, no seguinte pronunciamento de Jorge Amado (apud TÁTI, 1961, p. 59): "[...] Continuar apesar de saber que nunca serei um escritor operário. Pequeno burguês, com os vícios de origem, não possui a grande poesia, a grande pureza, a fôrça, que hoje, no mundo, só tem o proletariado revolucionário." O mesmo Amado, ao se desculpar por ser um "pequeno burguês", não deixa, por outro lado, de acreditar na "verdade" da sua literatura: "É evidente [...] que os nossos livros, volumes de pequenos burgueses que aderiram ao proletariado, podem ser ingênuos e falhos. Apesar de tudo eles falam uma linguagem nova e verdadeira (Ibid.).

Essa linguagem "nova e verdadeira" teria sido adquirida no contato com o mundo proletário. Submetendo-se ao obreirismo por exigência do PCB, o escritor militante teria, para os seus livros, a contribuição de dados, que observaria *in loco*. Discutiria, com a "força de

documento", a exploração a que o trabalhador era submetido: poucos salários, condições precárias, carência de moradias, moléstias - em suma, extrema miséria.

2.5 Os filiados

*O verdadeiro intelectual é aquele que, além de se engajar politicamente opta pelo comunismo.
(Jorge Amado, 1995)*

Dentre os escritores que se filiaram ao PCB na década de 30, selecionamos alguns para comentar em seguida. Suas posições em relação ao obreirismo e à literatura proletária constituem, ao nosso ver, uma síntese de aspectos importantes do engajamento do intelectual brasileiro do período. Engajamento que teve seu ponto máximo na Intentona Comunista de 1935, cujo fracasso reforçou o autoritarismo do presidente Getúlio Vargas e intensificou a perseguição aos comunistas.

2.5.1 Raquel de Queiroz e o Comunismo

*[...] lia principalmente os russos, Dostoievski, Gorki, Tolstoi, e todos aqueles dos quais mamãe me passou a sua paixão. E por isso, socialismo, revolução russa, comunismo, e até mesmo marxismo propriamente dito, já me eram então assuntos familiares
(Raquel de Queiroz, 1998)*

Raquel de Queiroz exerceu uma militância política precoce, já publicara *O Quinze*, seu 1º romance, quando se filiou ao Partido Comunista, em 1931, aos 20 anos.

No livro de memórias, *Tantos Anos* (1998), de Raquel e Maria Luíza de Queiroz, Raquel recorda sua militância política no PCB. Seu ingresso se deu em um momento de grande seletividade partidária e de repressão governista:

Quando nele entrei, o Partido mal completara dez anos de vida no Brasil. E já havia uma rede de comunistas pelo país inteiro: onde a gente chegava, encontrava amigos. Os mais ruidosos eram os simpatizantes, os que tinham compromisso

ideológico firmado. Aliás, nessa época, entrar para o Partido não era fácil. Os simpatizantes ficavam muito tempo em período de provação. Era mister dar provas durante anos, principalmente no que se referia à submissão ideológica ao stalinismo. Pois essa foi a fase mais temível do stalinismo, logo depois da morte de Lenine. Quando me tornei trotskista, Trotski já fora, havia três anos, expulso da Rússia. E o PC brasileiro de então já estava bem organizado. Talvez a rede não fosse imensa, mas era estendida, ocupava todo o país. E uma vez que no sistema de 1930, tempo de ilegalidade, ninguém podia ir abertamente se manifestar na rua, aproveitavam-se, então, os movimentos liberais, como, por exemplo, a revolução de São Paulo em 1932. A primeira vez em que o comunismo mostrou a cara na rua foi em 1935; mas, antes disso, descoberto qualquer movimento ilegal, a repressão era implacável. [...] (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 73-74).

Imbuídos de um ideal, dispunham-se os militantes a aceitar todas as submissões exigidas pelo Partido, até mesmo a possibilidade de morrer, de matar, a fim de conquistar a simpatia da cúpula dirigente. A mocidade mais intelectualizada era dominada por uma vontade, quase uma obrigação, de pertencer a algum movimento político. O ídolo dos militantes era Luís Carlos Prestes, o principal elemento de contato com a União Soviética: "Tudo o que se recebia de lá vinha através do Uruguai e era então passado para o pessoal do Rio, que distribuía o material para nós, nos estados. E tudo mal traduzido do espanhol" (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 37).

Em 1931, Raquel já estava, como muitos, "politizada" e "comunizada". A inserção no PCB se dava na mais absoluta clandestinidade, por conta da repressão:

[...] Não me lembro de fazerem inscrições em livro ou mesmo em papel apropriado; nem boletins, nem ordens de serviço, nada. Ao contrário, era preciso ter mais cuidado com papéis, documentos e até livros, porque a polícia era brutal e levava logo tudo para a cadeia. Papéis e pessoas (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 37).

Nesse ano, regressou ao Ceará e levou consigo credenciais do Partido e a missão de promover a reorganização do Bloco Operário e Camponês, esmagado pela polícia presidencial. Devido às dificuldades encontradas para organizar um grupo coeso - pois, em Fortaleza, havia um reduzido número de militantes instruídos -, Raquel tornou-se uma espécie de consultora, logo, promovida ao cargo de secretária do PCB no Ceará - não por mérito, diz ela, mas por ser capaz de escrever e datilografar. Recebia as correspondências e o material de propaganda e participava assiduamente das reuniões clandestinas, sendo que várias delas foram realizadas no Pici (sítio da família da escritora), que era um ponto até então fora de

qualquer suspeita. Em 1932, em visita ao Rio, foi encarregada de estabelecer contatos, receber palavras de ordem e material de propaganda:

A célula a que me dirigiram costumava reunir-se no coreto da praça da estação do Méier. Ia-se de trem até lá. Três a quatro pessoas, homens e mulheres, às vezes fingindo-se de namorados. [...] eu andava metida em cheio não só com o Partido, mas com uma porção de gente que estava na ilegalidade. Esse curto período de 1932 foi a minha mais prolongada fase de militante.

Pouco depois rebentou a revolução de 1932 em São Paulo e nós resolvemos apoiá-la, embora fosse uma revolução de caráter burguês. Era, porém, um levante contra a ditadura de Getúlio, já então nosso inimigo (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 38).

O rompimento de Raquel com o PCB coincidiu com a política de proletarização e com a desconfiança em relação aos intelectuais militantes. Ao chegar ao Rio, em 1932, trouxe consigo os originais de seu segundo romance *João Miguel*. O romance tem como espaço o Ceará e revela, com intensidade, a problemática social do Nordeste: a miséria, a seca, a desigualdade, a indiferença dos poderosos diante de tão grave situação. Assim que souberam do romance, os dirigentes do Partido exigiram que ela entregasse os originais para uma avaliação: só então, após a leitura, feita por uma comissão, designada pelo Partido, permitiriam - ou não - a publicação. Mesmo contrariada, foi condescendente:

Obedeci, de má vontade. Mas na província, de onde eu vinha, fazia-se, entre os comunistas, muita questão da disciplina, no caso especial dos "intelectuais". Os operários, que compunham a aristocracia dos grupos marxistas, exigiam de nós obediência cega. Os intelectuais eram por eles considerados uma espécie de subclasse, pouco merecedora de confiança (QUEIROZ; QUEIROZ; 1998, p. 39).

Deixaram-na sem resposta durante um mês; depois disso, foi procurada pelo Partido a fim de receber a "decisão" sobre o romance:

[...] O presidente, declarando que acabara de chegar da União Soviética (eles jamais diziam Rússia), trazia ordens expressas de conter as infrações dos intelectuais. Afirmava ter lido atentamente o meu romance. E concluíra que eu não poderia receber permissão para o publicar sem fazer importantes modificações na trama, carregada de preconceitos contra a classe operária (Ibid., p. 40-41).

Raquel nos conta os "preconceitos" que o presidente então sublinhou no seu romance:

[...] uma das heroínas, moça rica, loura, filha de coronel, era uma donzela intocada. Já a outra, de classe inferior, era prostituta. Eu deveria, então, fazer da loura a prostituta e da outra a moça honesta. João Miguel, 'campesino', bêbedo, matava outro 'campesino'. O morto deveria ser João Miguel, e o assassino passaria de 'campesino' a patrão. Indicou mais outras modificações menores, terminando por sentenciar: "Se não fizer essas modificações básicas, não podemos permitir que a companheira publique o seu romance" (Ibid.).

Raquel conclui o episódio:

Ele tinha nas mãos, num rolo de papel pardo, a única cópia do livro que eu possuía, mal datilografada por mim mesma, na minha velha Corona. Levantei-me, devagar, do meu banco. Cheguei à mesa, estendi a mão e pedi os originais para que pudesse operar as modificações exigidas. O homem, severo, me entregou o rolo. Eu olhei para trás e vi que estava aberta a porta do galpão, a sua única saída. E, em vez de voltar para o banco, cheguei até o meio da sala, virei-me para a mesa e disse em voz alta e calma: "Eu não reconheço nos companheiros condições literárias para opinarem sobre a minha obra. Não vou fazer correção nenhuma. E passar bem!" Voltei-me para a porta e meti o pé na carreira (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 40-41).

Após este acontecimento, Raquel não teve mais contato com os dirigentes do Partido. No primeiro número d' *A Classe Operária* (órgão oficial do Partido Comunista), publicado logo após o incidente, registrou-se em letras garrafais que Raquel havia sido "irradiada" (expulsa) do Partido por ideologia fascista, trotskista e por ser inimiga do Proletariado.

Em 1936, Queiroz empreenderia, com *Caminho de Pedras*, uma crítica severa à política de "proletarização" do Partido. O romance retrata as lutas internas entre os comunistas de Fortaleza dos anos 30. A autora procura mostrar a falta de coesão do grupo que se dividia entre os "de gravata", representado pelos intelectuais e os "de tamancos", formados pelos operários. Ela insiste, no romance, em afirmar que a proletarização dos intelectuais não foi marcada por uma real conversão. Estes conheciam somente uma pequena parte dos problemas vividos pelos trabalhadores, dificilmente poderiam vivenciar de forma legítima a vida proletária. O obreirismo gerou rixas entre os operários e intelectuais, fato registrado em *Caminho de Pedras*:

[...] os intelectuais surgiam em bando, eram ruidosos e alegres como estudantes. [...] Repetiam a toda hora "camaradas", afetavam uma simplicidade excessiva, que chocava os outros, os "de tamanco", cheios de preconceito e convenções. Pois a simplicidade, longe de ser um atributo dos humildes, é um artifício de requintados

que a plebe desconhece. Depressa essa diferença cavou divergências. Os "tamancos" entraram a hostilizar os "gravatas", a "desmascará-los", a exigir que se "proletarizassem" (QUEIROZ, 1976, p. 37).

Caminho de Pedras ilustra ainda as rivalidades pela disputa da direção da organização, idênticas àquelas travadas internamente no PCB:

E a luta pelas posições dentro da organização armou-se aberta. Declaravam os operários que os intelectuais eram incapazes de exercer um cargo de confiança porque lhes faltava "consciência proletária".

E os outros, certos da sua superioridade de intelectuais, disputavam abertamente as posições, faziam ressaltar perversamente as falhas e erros dos "eleitos" (QUEIROZ, 1976, p. 37).

Com a chegada do Estado Novo, em 1937, a escritora acabou sendo presa, no Ceará, por força de suas convicções trotskistas. Exemplares de seus livros, junto aos de Jorge Amado e Graciliano Ramos, foram queimados em praça pública; e ela passou três meses detida no quartel do Corpo de bombeiros de Fortaleza.

2.5.2 Jorge Amado: um escritor do Partido

Desapareceu o homem sem partido. Hoje ele é tão raro como um animal pré-histórico. Desapareceu, por conseqüência, a literatura desinteressada. Os intelectuais que não estão de um lado estão de outro. Impossível existir o indiferente. Como impossível é existir o livro sem finalidade. Mesmo porque quem não está com o proletariado está necessariamente contra ele.
(Jorge Amado, 1946)

Na década de 30, Jorge Amado mudou-se para o Rio e participou ativamente do debate intelectual que levaria os escritores de então ao fascismo, ao catolicismo ou - como foi o caso de Amado - ao comunismo. Conheceu Raquel de Queiroz e por influência desta chegou à militância política como afirma em entrevista a Raillard (1990, p. 49), realizada em 1985: "Raquel chegou ao Rio, passamos o tempo todo juntos. Foi em grande parte sob sua influência que eu efetivamente me engajei no movimento comunista." Dedicou-se então à leitura de livros como:

[...] *A Bagaceira*, de Zé Américo, *Menino de Engenho*, de Zé Lins, *Judeus sem Dinheiro*, de Mike Gold, *Passageiros de Terceira*, de Kurt Klaber, *A torrente de Ferro*, de Serafimovitch, *A Derrota*, de Fadeev, *A Cavalaria Vermelha*, de Babel [...]. Lendo *A Bagaceira* virei escritor brasileiro, lendo os russos, o alemão e o judeu norte-americano desejei ser romancista proletário (AMADO, 1993, p. 183).

Jorge Amado também leu o russo Máximo Gorki. Em suas memórias *Navegação de Cabotagem* confessa: "o russo é autor de minha devoção, com ele aprendi a amar os vagabundos, devorei-lhe os contos, os romances, o teatro" (AMADO, 1993, p. 248-249).

O primeiro romance de Amado, *O país do carnaval*, foi publicado em 1931- antes de o escritor ingressar na política e se tornar um militante comunista; *Cacau*, seu segundo romance, escrito em fins de 32 e publicado em 33, já sofreu a influência do Partido. Amado tentou escrever um romance comprometido com a transformação da sociedade, numa perspectiva que atendia à política do Partido: o intelectual deveria produzir ficção com força de "documento", denunciando a existência de segmentos sofredores da população.

Sobre essa força de "documento", declararia Amado em entrevista à imprensa em 1933: "*Cacau* é resultado da minha infância, passada na cidade de Ilhéus e seus povoados, e nas fazendas de cacau. Há muito que eu imaginava escrevê-lo. Tinha para isso uma grande documentação" (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 47). E concluiria: "Escrevi *Cacau* com evidentes intenções de propaganda partidária. Conservei-me, porém, rigorosamente honesto, citando apenas fatos que observei." A escrita do romance teria tomado impulso quando, em uma viagem de 1932 para o município de Pirangi, no interior da Bahia, o escritor impressionou-se com a vida dos trabalhadores daquela região.

Suor, o terceiro livro do escritor, publicado em 1934, é um romance ambientado em Salvador e tematiza o "proletariado" urbano. Segundo Jorge Amado, *Suor* é também um documento, pois retrata "verdadeiramente" o que ele viveu em meados da década de 20 quando morou numa rua próxima ao Largo do Pelourinho:

—Vivi em vários lugares. Durante algum tempo morei numa ruela vizinha ao Largo do Pelourinho, no coração da velha Bahia, um lugar admirável por sua arquitetura e terrível pelo que significa – o pelourinho era o lugar em que eram castigados publicamente os escravos. A casa em que eu morava era uma construção colonial alta e sombria, onde se amontoava uma multidão de pessoas exóticas. Eu morava bem em cima, numa água-furtada. Hoje transformaram-na num hotel, juntando dois sobrados, e até colocaram uma placa indicando que é casa descrita em *Suor*: é exatamente o que eu mostro neste romance. *Suor* é verdadeiramente a minha vida no Pelourinho (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 33).

Após *Cacau* e *Suor*, Jorge Amado empreendeu a produção de um romance em que um herói, oriundo das massas, se rebela contra o processo histórico que o oprime. Em *Jubiabá* (1935), o negro Antônio Balduino, ao adquirir consciência de classe, incita a greve do trabalhador contra o patrão. O escritor revelou que para a produção do livro percorreu, durante um mês, a cidade de Salvador, documentando a realidade local:

[...] Cheguei de lá há 15 dias [...] eu nasci na Bahia e quase todos os anos volto à minha cidade. É admirável! As ruas, os pretos, os saveiros, as feiras [...], as ladeiras [...]. Acho que botei um pouco disso tudo no meu novo romance - *Jubiabá* - que acaba de aparecer. É a vida pobre dos negros da Bahia [...]. Ambientes negros de cais, de casario velho, de macumbas, saveiros, botequins e ainda todo o recôncavo com as suas cidades típicas, as plantações de fumo e as fábricas de charutos. O meu novo romance procura refletir a vida dos pretos da Bahia [...] que vivem em meio à miséria maior, sofrendo todos os preconceitos de raça, que ainda dominam o Brasil (AMADO apud TÁTI, 1961, p. 77).

Notemos que, influenciado pelo obreirismo do partido - tendência que vigorou até a publicação de *Jubiabá* - Amado sentiu a necessidade de sublinhar nos seus comentários o contato próximo com a realidade proletária que "documenta" em seus romances.

A vida política intensa de Jorge Amado o levaria a ser detido em 1936, por causa da Intentona Comunista do ano anterior. Mas os problemas para Amado começaram mais cedo: *Cacau* já havia experimentado em seu lançamento a mão pesada da censura. Liberado graças à intervenção de amigos, o romance vendeu, em 1933, 2000 exemplares em 40 dias. Estava aberto para o escritor o caminho da empatia popular, em paralelo à contínua vigilância do aparelho repressivo. Autor de uma ficção tida como subversiva, Amado foi então preso, perseguido e exilado. É na cadeia que assiste a publicação de *Mar Morto* em 1936. Perdeu o

emprego e passou várias privações por falta de dinheiro. Teve seus livros recolhidos das livrarias e sua venda proibida no Brasil. Essa sua prisão foi a primeira de várias outras, que viriam por conta do engajamento.

Em 1937, participou da campanha para eleger José Américo de Almeida a presidente da República. Contudo, ocorreu o golpe de Getúlio; e implantou-se a ditadura do Estado Novo. Novamente, o escritor foi detido. Na prisão, soube da queima pública de seus livros pelo exército, dentre os quais o recém-lançado *Capitães da areia*. Depois de proibidos de circular e de serem recolhidos de escolas, bibliotecas e livrarias, quase dois mil exemplares de livros viraram fogueira do fascismo tropical numa praça em Salvador.

Liberto, em 1938, passou a trabalhar nos mais diversos jornais de São Paulo e do Rio. Ocupou-se plenamente com a atividade política, combatendo a ditadura, denunciando o fascismo, defendendo a anistia dos que ainda estavam presos. Empenhou-se para reorganizar o Partido Comunista, um tanto esfacelado pela polícia de Vargas.

2.5.3 O Comunismo e o casal Oswald de Andrade e Patrícia Galvão

Em 30, numa estreita solidariedade com meu estado de arruinado, tornei-me marxista militante e passei a conhecer cortiços, vielas, prisões, lençóis rasgados e fome física.
(Oswald de Andrade, 1995)

A adesão de Oswald de Andrade ao comunismo foi incentivada por sua mulher Patrícia Galvão, a Pagu. Quando foi a Buenos Aires, em 1930, para participar de um festival de poesias, Pagu conheceu Luís Carlos Prestes e voltou desse encontro entusiasmada com o Comunismo. A adesão do casal foi rápida e objetiva, conforme ele mesmo expõe em uma entrevista de 19 de setembro de 1954:

__ Conte como foi que você aderiu ao comunismo?

__ Por culpa de Patrícia Galvão. Ela fizera uma viagem a Buenos Aires, onde realizou um recital de poesia. Voltou com panfletos, livros e uma grande novidade:

__ Oswald, tem o comunismo... Conheci um camarada chamado Prestes. Ele é comunista e nós vamos ficar. Você fica?

__ "Fico" (ANDRADE, 1990, p. 234).

Oswald e Pagu associaram-se ao Partido Comunista em 1931, no calor da orientação obreirista. A direção do PCB atribuía tarefas difíceis aos novos militantes, a fim de testar-lhes a adesão. Uma dessas tarefas, segundo relatou Nonê, filho de Oswald, foi a de pedir dinheiro ao ex-amigo modernista Paulo Prado.

A crise de 1929 deixou o escritor endividado e estimulou sua militância política. O tempo de festas e viagens havia-se encerrado, dando lugar à incerteza e à clandestinidade. Incorporando o espírito obreirista exigido pelo Partido, Oswald deixou de lado as gravatas e camisas de seda francesas para aderir à indumentária de um operário. Mudou-se com Pagu e Nonê para a modesta casa na rua dos Ingleses, nº 56. Levando a cabo a esperança de uma revolução iminente que viesse socializar tudo, Oswald impôs um novo ritmo de vida para o filho: após cinco anos de estudo pago na Suíça, dominando fluentemente francês, alemão e inglês, Nonê foi matriculado pelo pai no Liceu público de Artes e Ofícios para ser transformado em um operário qualificado.

A proletarização de Oswald é vivida ficcionalmente pelo personagem Alfredo Rocha em *Parque Industrial*², de Galvão (1994, p. 70). Na descrição do personagem, esboça-se um perfil do próprio Oswald. Ele é mostrado como um "burguês hesitante" que se inclina em direção à transformação socialista enquanto lê Marx no conforto do Hotel Esplanada. Após o término do casamento com Eleonora, ele abdica da burguesia: "Abomino esta gente. Estes parasitas... E sou um deles." Sua riqueza o incomoda e tenta ajustar-se à classe operária através do seu recém-descoberto marxismo: "[...] Alfredo procura gostar da comida pobre e mal feita. Sente-se feliz. Não acha mais abominável, como antes, o Brasil. Não deseja mais afundar sua neurastenia individualista em nenhum pitoresco. Sem saudades dos hotéis do Cairo nem dos vinhos de França" (*PI*, p. 88).

Seguindo a política do obreirismo, o casal deixou de lado qualquer situação aparentemente capitalista. Oswald, junto de Pagu, celebrava, então, um novo estilo de vida, bem traçado no "Poema à Patrícia":

Sairás pelo meu braço grávida, de bonde
Teremos seis filhos
E três filhas
E nosso bonde social

² A partir daqui, faremos referência à obra *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão, publicada pela editora EDUFSCAR, de São Paulo, em 1994, utilizando a sigla *PI*, sempre por esta edição, seguida da numeração.

Terá a compensação dos cinemas
E dos aniversários dos bebês
Seremos felizes como os tico-ticos
E os motorneiros
E teremos o cinismo
De ser banais
Como os demais
Mortais
Locais (ANDRADE, 1967, p. 31-32).

É interessante notar a distância entre as perspectivas de Raquel e de Pagu com relação à política de proletarização do PCB. Se Raquel condena e critica o obreirismo no seu romance *Caminho de Pedras*, Pagu o defende com otimismo em *Parque Industrial*.

Em 1931, começava a fase ativista de Pagu e Oswald. Juntos editaram o jornal *O Homem do Povo*. O programa do jornal avisava que, embora não estivesse filiado a nenhum partido, apoiaria a esquerda revolucionária em prol da realização das reformas necessárias. Contudo teve uma projeção bastante efêmera e tumultuada: de 27 de março a 13 de abril de 1931.

Com o mesmo ânimo e paixão com que defendera o Modernismo, Oswald entregou-se à política. Foi fichado como subversivo e preso várias vezes. Do engajamento político surgiram trabalhos didáticos destinados a operários, textos que também funcionaram como programa do Partido, orientando a discussão interna entre os companheiros. Oswald participou, em 1931, de uma conferência no Sindicato dos Pedreiros, Confeitarias e Anexos, em São Paulo, onde reconstituiu a história dos sindicatos através dos séculos. Essa palestra confirmou o espírito vanguardista do escritor, pois o tema sobre sindicatos era assunto novo: a lei que havia regulamentado a existência das organizações operárias e patronais era do mesmo ano, 1931.

Em 1932, Pagu separou-se de Oswald. Foi morar no Rio de Janeiro numa vila operária e trabalhar num cinema da Cinelândia como indicadora de lugares. Esta mudança fazia parte do projeto obreirista do Comunismo, forçando os intelectuais a experimentarem também a vida e o trabalho como operários.

A atividade literária, em prosa, de Patrícia Galvão iniciou-se nesse mesmo ano de 1932, quando começou a escrever *Parque Industrial*. Pagu adotou o pseudônimo de Mara Lobo por exigência do Partido Comunista. Em 1931, instalou-se no bairro operário do Brás em São Paulo e acompanhou de perto o cotidiano dos trabalhadores, envolvido por nebulosa exploração. Resignou-se a abandonar a vida burguesa e viu de perto muita miséria nos subúrbios e nas fábricas. Misturou-se com pessoas discriminadas pela falta de instrução. Ouviu gritos, pragas, palavrões, e documentou tudo em *Parque Industrial*.

A produção literária de Oswald também foi fecunda na década de 30. Em 1933, ele lançou *Serafim Ponte Grande*, obra que marca a opção do escritor pela literatura política: "Publico-o [...] no seu texto integral terminado em 1928. Necrológio da burguesia. Epitáfio do que eu fui" (ANDRADE, 1992, p. 39). Renega então os seus livros anteriores. Ousou sugerir que *Serafim Ponte Grande* era o novo manifesto da Revolução Proletária.

Publicado *Parque Industrial* em 1933, Pagu deixou o país e empreendeu uma viagem pelo mundo percorrendo os EUA, Japão, China, URSS, Alemanha e França. Retornou ao Brasil, em 1935, e defrontou-se com um país mergulhado em crises políticas: Congresso Nacional fechado, sindicato e associações sob intervenção. Prisões políticas, tortura e imprensa sob censura prévia - essas foram algumas das armas do governo para conter e silenciar a oposição depois da Intentona Comunista. Pagu foi presa novamente, dessa vez por cinco anos (1935-1940).

Oswald foi apoio para os colegas presos, inclusive para Pagu. Apesar das sátiras políticas registradas no jornal *A Platéia*, desviou-se da ortodoxia política. Com isso evitou sua prisão.

2.6 Desfiliação

Expulsara finalmente de minha vida o Partido Comunista.

*De degrau em degrau desci a escada das degradações,
porque o Partido precisava de quem não tivesse um escrúpulo,
de quem não tivesse personalidade, de quem não discutisse.
De quem ACEITASSE.
(Patrícia Galvão, 1982)*

A ditadura do Estado Novo, pela sua violência contra o PCB e contra os indivíduos que dele se aproximavam, contribuiu para a cisão entre o Partido e a Intelectualidade. Também a linha política partidária pautada na rígida ditadura stalinista teve influência no afastamento dos intelectuais.

A fase de proletarização afastou muitos deles, que viram, nessa medida, uma total falta de critérios. O Partido designava tarefas abusivas, totalmente distanciadas de habilitações; negava o direito de voto e nomeava para a sua direção somente lideranças oriundas do proletariado. Devido sobretudo à política arbitrária do PCB, a presença dos intelectuais no Partido foi encarada então com sectarismo. Acreditava-se que o intelectual que se filiasse ao Partido deveria abdicar antes de tudo à sua condição de intelectual. Na verdade o que se pretendia era restringir a atuação do intelectual a um praticista, a um simples cumpridor de tarefas; não se compreendia então que o intelectual poderia ser um combatente pela causa do socialismo precisamente desempenhando seu papel como intelectual comunista.

Em 1932, Raquel de Queiroz abandonou o Partido Comunista (PC) devido à política de proletarização e à tentativa de censura de seu trabalho literário. Após cinco anos de prisão (1935-1940), em plena ditadura do Estado Novo, Pagu, ao sair do presídio político, rompeu definitivamente com o PCB por causa das tarefas abusivas a que fora submetida. Oswald iria romper com o Partido em 1945; e Jorge Amado, em 1955.

3 O ROMANCE PROLETÁRIO

3.1 A chegada do romance proletário ao Brasil

*Traduziram-se os novos evangelhos e muitos [...] por olhá-los nas vitrines das livrarias ou nas mãos dos outros converteram-se [...].
Falou-se na miséria dos proletários, na opressão da burguesia, e muitos [...] aceitaram [...] E se fizeram 'socialistas e comunistas'.
(Otávio de Faria, 1978)*

Alguns países ocidentais já haviam produzido romance proletário na década de 20; contudo, é na década de 30 que o gênero prolifera e chega ao Brasil. São então publicados livros de procedência em geral russa, alemã e americana. Sobre esse fato,

Jorge Amado dá o seu testemunho, em entrevista de 1985:

A expressão "romance proletário" estava ligada a toda uma literatura que apenas se começava a conhecer no Brasil. Havia entre outros um romance alemão, *Passageiros de Terceira classe*, de um certo Kurt Klaber [...] Era um romance estranho, um romance proletário todo em diálogos, inteiramente em diálogos, que contava a viagem de barco de imigrantes alemães voltando dos Estados Unidos para a Alemanha, e o drama destes imigrantes. Este livro, prefaciado por Thomas Mann, devia datar dos anos 20 e poucos; eu o lera em 1930, numa tradução publicada pela Pax, uma editora de São Paulo que começava a publicar romances russos, da primeira fase da literatura soviética, *A Derrota*, de Fedáiev, *A Torrente de Ferro*, de Serafimovitch, *A Cavalaria Vermelha*, de Babel, uma literatura extremamente rica. Mais ou menos ao mesmo tempo, a Cultura Brasileira, uma outra editora de esquerda, publicou *Judeus sem Dinheiro*, de Michel Gold, que teve enorme influência, um sucesso tremendo; [...] (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 55-56).

Sabe-se que a Pax também traduziu, no período, os seguintes romances proletários: *Beco sem saída* de V. Vieressaief e *A semana* de E. Lebedinski. Na verdade, o próprio Amado se tornaria, na década de 1930, um tradutor e divulgador, no Brasil, da literatura proletária. Literatura que definitivamente, como ainda acrescenta, influenciou não só a ele mas também toda a sua geração. O autor afirma:

____ Eu falei das influências estrangeiras exercidas sobre mim e minha geração - a literatura soviética, a literatura norte-americana e a de outros países; quando se falava do romance proletário, toda uma literatura de esquerda que vinha dos anos 20, Upton Sinclair, os socialistas nos Estados Unidos - tudo isto não é ?, pesa sobre o "romance de 30". [...] os romancistas soviéticos [...] os grandes romances documentários [...] os livros pró-soviéticos, os socialistas mais críticos - uma crítica que em seguida foi totalmente censurada e proibida. Aquilo nos influenciou muito a todos (AMADO, RAILLARD 1990, p. 99).

Das influências, alguns escritores, como Amado, passaram à produção, de fato, do romance proletário no Brasil. O escritor baiano foi um fecundo gerador de romances que colocavam o trabalhador explorado como ponto central da narrativa, a fim de abrir caminho para a busca de mudanças profundas na sociedade brasileira.

3.2 A classificação de romance proletário

Deve-se ressaltar que nem toda a produção literária que versava sobre o "proletariado" recebia a classificação de romance proletário. (Wagner Berno, 1979)

Em obras classificatórias, como histórias de literatura brasileira e antologias, é rara a menção ao romance proletário. Mesmo romances classificados por seus autores como "proletário", segundo confirmaremos ser o caso de *Cacau* e *Parque Industrial*, recebem denominações diversas, tais como romance social ou romance documentário. É uma grave lacuna, pois está-se ignorando uma interessante polêmica que caracterizou a produção literária no Brasil da primeira metade da década de 30.

Quais, dentre os romances que estavam sendo publicados, poderiam ser classificados como proletários? Nem todos que versavam sobre o proletariado continham a postura política de esquerda identificada ao novo gênero, sobretudo porque tematizavam, em vez de luta de classes, a cooperação de classes.

Numa classificação restrita, pode-se considerar como romance proletário aquele cujo autor, filiado ao PC, manifestasse pontos de vista do seu Partido. Aí se incluem, então, os romances *Cacau* de Jorge Amado e *Parque Industrial* de Pagu.

Numa classificação ampla, o romance proletário incluiria produções de autores não filiados ao PC, mas simpáticos à causa proletária. É o caso de *O Gororoba* de Lauro Palhano.

Como já mencionamos na introdução, a seleção destes três romances tem suas justificativas. Primeiro, todos foram publicados no início da década de 30, ou seja, no auge da polêmica sobre o romance proletário. Segundo, os três explicitam, de fato, um compromisso com o gênero. Terceiro, é do nosso interesse confrontar cânone e margem.

3.3 Publicações

3.3.1 A publicação de *O Gororoba* em 1931

Desde 1931,... aparecia, com O Gororoba, de Lauro Palhano, o protótipo perfeito de toda uma série de "romances proletários".

(Wilson Martins,
1978)

Dois anos antes de *Cacau e Parque Industrial*, foi publicado *O Gororoba: Scenas da vida proletária no Brasil*. É um romance, hoje, completamente esquecido: à exceção de Wilson Martins, que o comenta de passagem em *História da Inteligência Brasileira* (1978), não encontramos dele outras referências. Seu caráter de "protótipo", sugerido por Martins, e o fato de se auto-intitular: "scenas da vida proletária no Brasil", despertou-nos o interesse.

Lauro Palhano, o autor deste livro, é o pseudônimo do engenheiro mecânico Juvêncio Campos, que nasceu na Bahia em 1881. Escreveu *O Gororoba* depois de sua experiência na Amazônia, quando serviu como técnico na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, inaugurada em seu trecho inicial em 1910, no interior da floresta. Campos sensibilizou-se com a realidade da região e relatou-a nesta estória, que se passa no final do século XIX e início do século XX, quando do apogeu e crise da borracha. No início de 1931, a Amazônia tornou-se cenário importante na literatura brasileira, com a publicação de livros que a tematizavam, como este.

O romance contém ao final um glossário de vocábulos regionais, à semelhança de *A Bagaceira* e outros do período.

3.3.2 A publicação de *Cacau* em 1933

*Quando escrevi Cacau declarei que queria fazer um
'romance proletário'.
(Jorge Amado,
1934)*

Amado (1934, p. 101), ao escrever *Cacau*³, evidencia sua intenção de filiá-lo ao gênero romance proletário ao declarar em nota introdutória: "Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para

³ A partir daqui, faremos referência à obra *Cacau*, de Jorge Amado, publicada pela editora Martins, de São Paulo, 1934, utilizando a sigla *CAC*, sempre por esta edição, seguida da numeração.

um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?"

Em 1985, numa entrevista a Raillard (1990, p. 74), Jorge Amado reafirma a consciência da atitude que tomou ao elaborar o romance: "Será que vai ser um romance proletário?" Tudo estava nisso. Todas as coisas que estão lá eram corretas para a época [...], eram, todas essas influências das quais falei, assim como a onda da época, de um determinado tipo de literatura. Ainda, nessa entrevista, Amado (apud RAILLARD, 1990, p. 55) admite:

___Fazer um romance proletário era, evidentemente, pura pretensão da minha parte. A consciência proletária ainda estava em formação num país que apenas começava a se industrializar e onde não existia, propriamente, uma classe operária; o que havia era o trabalhador manual - e, neste ponto, a descrição da vida dos trabalhadores rurais é o que torna *Cacau* muito real.

A seu favor, Amado confirma o realismo da obra, sua força de documento honesto, coerente com a época e com as influências que recebeu. *Cacau*, em sua honestidade, exalaria um bom ar de revolta para estar junto da literatura proletária.

O poeta Jorge de Lima (1961, p. 67), no texto "Nota sobre *Cacau*", da obra *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*, faz ouvir sua voz em defesa do escritor baiano: "Fez romance chamado proletário, sim. Foi quem primeiro fez, e com honestidade...".

Na entrevista de 1985, Amado (apud RAILLARD, 1990, p. 56) afirma que *Cacau*, e também *Suor* (1934), representam o seu encontro com a literatura proletária:

Cacau e *Suor*, que se seguem de muito perto - 1933, 1934 -, significam meu encontro com a esquerda - é o momento em que me torno um militante da esquerda, e meu encontro com a literatura, com o romance proletário dos anos 20, com a literatura soviética da primeira fase e com os escritores americanos que surgiam.

O prólogo de *Cacau* motivou discussões e polêmicas. Murilo Mendes (1961, p. 71-72), na obra *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*, apresenta o texto "Cacau", publicado em *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, em 1933:

Antes de mais nada precisávamos saber o que é que o autor entende como romance proletário. Acho que a mentalidade proletária está ainda em formação; agora é que o proletário está tomando consciência do seu papel histórico; portanto, sobretudo em países de desenvolvimento capitalista muito atrasado como o nosso, ainda não existe uma mentalidade proletária. Naturalmente o escritor que não encontrar motivos de inspiração na vida já em decomposição, da sociedade burguesa, terá que observar a vida dos proletários, e, se quiser ser um escritor revolucionário, terá que se integrar no espírito proletário, do contrário fará simples reportagem.

Amado tenta, com *Cacau*, integrar-se ao "espírito proletário", tal como este se manifesta, em sua incipiência, no Brasil, por isso, o romance possui qualidades que revelam o orgulho do escritor de ter vivenciado, efetivamente, no feudo cacauero da Bahia, o martírio dos trabalhadores, a fim de dar credibilidade a todas as situações de miséria e exploração sofridas pelos empregados das fazendas.

3.3.3 A Publicação de *Parque Industrial* em 1933

Parque Industrial surge em edição limitada e quase clandestina em 1933 com o subtítulo: "romance proletário". Tal como em *Cacau*, a intenção de filiação ao gênero é explícita. Murilo Mendes (1961, p. 72), no artigo já citado, compara a pretensão de ambos os autores, com prejuízo para Pagu:

[...] Naturalmente o escritor que não encontrar motivos de inspiração na vida já em decomposição, da sociedade burguesa, terá que observar a vida dos proletários, e, se quiser ser um escritor revolucionário, terá que se integrar no espírito proletário, do contrário fará simples reportagem. O caso recente de Pagu é típico. "Romance proletário", anuncia a autora no frontispício do *Parque Industrial*. Houve engano. É uma reportagem impressionista, pequeno-burguesa, feita por uma pessoa que está com vontade de dar o salto mas não deu. Assiste-se à entrada de fábrica, à saída de fábrica, a encontros do filho do grande capitalista com a filha do operário, etc. Parece que para a autora o fim da revolução é resolver a questão sexual.

Sobre o *Parque Industrial* pròpriamente pouca coisa se fica sabendo.

A questão sexual, tal como tratada no livro, representou, de fato, um escândalo para os padrões morais da época. Não se furtando a sugestivas cenas de sexo, Pagu mostrou o quanto havia de exploração sexual na relação entre classe opressora e oprimida.

Mas nem todos os críticos concordaram com a opinião depreciativa de Murilo Mendes. João Ribeiro (apud CAMPOS, 1982, p. 282) ressalta, em 1933, o caráter revolucionário do romance:

O romance de Mara Lobo é um panfleto admirável de observações e de probabilidades. [...] É um livro de grande modernidade pelo assunto e pela filosofia, que podemos depreender dos seus veementes conceitos. Trata-se da vida proletária, que vive ou vegeta sob a pressão das classes dominadoras. É, pois, um libelo, sob a forma de romance, que é sempre mais adaptável à leitura e à compreensão popular.

Também Ari Pavão (apud CAMPOS, 1982, p. 102), em 1933, demonstra uma opinião favorável ao romance. Para o crítico, longe de ser somente reportagem, *Parque Industrial* seria:

Romance veloz, cores fortes, personalidade. Mesmo para os que, como eu, não estejam integrados na corrente de idéias que o inspirou, 'Parque Industrial' de Pagu, é um livro que se lê com prazer. [...] como todo livro que tem idéias - interessa porque retrata com uma simplicidade notável os aspectos mais desoladores dessa luta tremenda que as desigualdades humanas criaram nas diferentes camadas sociais.

O livro de Pagu seria considerado por Campos como uma “pérola modernista” que contribuiria para a construção do romance social de 1930. Certamente, a jovem escritora abriu veredas até então não exploradas, manifestando sua sensibilidade aos problemas vividos pelos proletários nas ruas, nas fábricas e em suas próprias casas. Galvão consegue, pela perspectiva marxista, norteadora de seu romance, despertar a conscientização política e estimular o engajamento social-realista dos anos 30.

3.4 A questão do narrador

*O romance começa, pois, a não ser mais romance para classe. É ainda de classe, porque os seus autores não podem se desprender da sua, burguesa. Mas porfiem em atenuar esta circunstância... A seleção dos temas e a intenção que animava a sua escolha falam bem claramente deste espírito. Uns escritores se colocavam do ponto de vista do burguês decadente para chegar ao povo. Outros procediam à análise impiedosa da própria classe...
(Antonio Candido, 1961)*

O autor de romance proletário pretende negar sua classe social de origem e se apropriar da identidade e do discurso da classe proletária. Não é suficiente

para ele falar do proletariado oprimido e explorado; assumindo o ponto de vista distanciado de um burguês, demonstrando somente compaixão e solidariedade diante do sofrimento do trabalhador. Inconcebível para este autor colocar-se do lado oposto, do lado da classe opressora. Isto, sim, é que seria uma grande traição, uma mentira muito maior do que a que resultaria de um discurso proletário vindo de sua própria voz.

Mas, literariamente, até onde esta apropriação de perspectiva seria viável? Não nos propomos, nesta dissertação, a aprofundar a complexa discussão da viabilidade ou não desta apropriação. Pretendemos, sim, fazer uma reflexão sobre as respectivas soluções encontradas por Palhano, Amado e Pagu para a questão do narrador em seus romances.

3.4.1 *O Gororoba*

No prólogo da obra *O Gororoba*⁴, Lauro Palhano (1931, p. 7-8) apresenta-se ao leitor:

Muito tempo pensei em entregar a presente obra a um douto que m'a corrigisse, limando e polindo as asperezas da forma e da expressão. Resolvi não fazel- o . Seria eu o único illudido: - um individuo que só tem manejado martellos não pode, com acerto, manejar a penna. Resaltaria á compreensão de todos.

Quiz, na novella que segue, fixar impressões. Relatei, como pude, o que senti, o que vi e ouvi entre collegas de vida, por parecer-me interessante e não tentado ainda, em lingua nossa, por operário.

Alem de questões propriamente gramaticaes, há falhas, bem as percebo; - assumptos repisados por mais de um personagem; materia fastidiosa para as classes alheias; déphasage resultante da incultura do montador.

As duas primeiras não sei como as podesse evitar; as cousas, com maior ou menor dóse de phantasia, correram assim mesmo. Se podesse corrigir a outra, não seria ferreiro.

Pretendi mostrar, ligeiramente embora, aos marechaes de Fortuna, aos que governam, que legislam que defendem as leis, o que é ser particula d'essa grande massa, em constante fluxo para o trabalho e refluxo para um lar de incertezas e de apreensões; gotta d'essa eterna maré, a encher e a vasar, sem esperança de outra finalidade.

Eis porque escrevi.

Entrariam ahí intenções outras?... (nem eu sei!). Se entraram, a principal foi a exposta; perdoem-me as segundas.

Rio, 1930.

L. Palhano.

Podemos notar então que a vontade de dar voz ao operário encontra solução em Palhano no ato de

⁴ A partir daqui, faremos referência à obra *O Gororoba*, de Lauro Palhano, publicada pela editora Terra de Sol, do Rio de Janeiro, 1931, utilizando a sigla *OGO*, sempre por esta edição, seguida da numeração.

"travestir-se" a si mesmo de operário. Dentro desta moldura, o seu romance constituiria um documento inovador e dos mais verdadeiros: é o testemunho do que viu e ouviu entre "colegas de vida", projeto "não tentado ainda, em língua nossa, por operário".

Apesar de os autores passarem a viver entre operários, observando e estudando seu ambiente e sua alma (na verdade, proletarizando-se), pensava-se então que a literatura proletária não tinha ainda a força revolucionária que adquiriria um dia, quando os próprios operários chegassem a um grau de cultura suficiente para que eles mesmos pudessem descrever suas vidas. A idéia de Palhano, de construir sua identidade autoral como um operário, dialoga com este pensamento da época.

Palhano traveste-se como alguém, que só tem manejado martelos, e não a pena, afirmando assim a condição inculta do seu texto. Inclusive adverte o leitor de que o seu romance apresenta "falhas", porque não o deu a um "douto" para correção. Além de falhas gramaticais, reconhece falhas literárias: assuntos são repisados por mais de um personagem, ao longo de extensos diálogos, e acrescentamos desde já, em tom por demais didático.

Na verdade, estava no horizonte do autor de romances proletários despertar também o interesse de um público proletário; daí o tom pouco literário e didático das obras, e as definições, com um vocabulário acessível, próximo da língua falada, de conceitos dirigidos à conscientização política do leitor.

Palhano insiste em construir sua identidade com a classe operária quando afirma que: o romance trata de "matéria fastidiosa para as classes *alheias*", mostra aos governantes o que é ser, de fato, "*partícula* da grande massa trabalhadora".

O tom pessimista, não-edificante, que vai dominar todo o romance, já é entrevisto no prólogo a partir da metáfora do trabalhador como gota de eterna maré, sem esperança de finalidade melhor além de só encher e vazar.

A narração, em terceira pessoa, da vida de Cazuzu, o gororoba, vai surpreender o leitor disposto a acreditar nas afirmações do prólogo: Victor Hugo, Othelo, Sancho Panza, Calliope, Fortuna, Platão, Thomas More, *A Utopia*, *D. Quixote*, Anatole France, Dostoievsky, são todos

nomes da tradição literária ocidental, citados com coerência, ao longo das páginas do romance.

Como conciliar esta cultura do autor com a sua suposta condição de operário, montador inculto de um romance? Percebemos então, que a construção da identidade autoral operária está sendo posta em questão pelo próprio romance: "Entrariam ahi intenções outras?" (*OGO*, p. 8).

3.4.2 *Cacau*

Em *Cacau*, Amado tenta solucionar o problema da apropriação da fala do proletário na escrita a partir da construção de um narrador em primeira pessoa, proletarizado quando rapaz pela falência e morte paterna. Sua condição anteriormente burguesa justificaria os traços de cultura na escrita do romance.

Mas a identificação, só àquela altura, com a classe trabalhadora não parece suficiente a Amado que acrescenta: o contato próximo com os trabalhadores veio de muito antes, desde quando o narrador brincava, na infância, com os filhos dos operários da fábrica do seu pai.

A construção desta identidade proletária também passa, à semelhança de Palhano, pela afirmação da condição pouco literária do romance e do seu caráter de documento e testemunho da própria vida do narrador. Nas páginas finais, este revela:

Esse discurso me deu a idéia de reunir algumas cartas de trabalhadores e rameiras para publicar um dia. Depois já no Rio de Janeiro, relendo estas cartas, pensei em escrever um livro. Assim nasceu *Cacau*. Não é um livro bonito, de fraseado, sem repetição de palavras. É verdade que hoje sou operário, tipógrafo, leio muito, aprendi alguma coisa. Mas, assim mesmo, o meu vocabulário continua reduzido [...]

Demais não tive preocupação literária ao compor estas páginas. Procurei contar a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau (*CAC*, p. 163).

Se Amado constrói um narrador que fala em nome do trabalhador rural, a preocupação de Palhano é falar pelo operariado urbano, ainda muito incipiente, sobretudo no contexto em que situa a sua estória, a *Belle Époque.*, duas últimas décadas do século XIX e início do século XX, aproximadamente até 1914.

Note-se que Amado constrói uma identidade proletária não para si, mas para o seu pseudo-autor e narrador (o proletarizado Sergipano conta, em primeira pessoa, a própria estória), mas é Amado o nome que comparece na capa como autor de fato do romance. Já Palhano constrói uma identidade proletária para si: ele, autor cujo nome comparece na capa do romance, é que é o proletário (a contar, em terceira pessoa, a vida do proletário Cazuzza). A solução de Palhano nos parece mais radical, ainda que, como vimos, o próprio romance a questione.

Palhano não é filiado ao PCB, pretende falar pelo proletariado e não pelo Partido. É adepto do romance proletário e não do romance "comunista". Ele, inclusive, questionará, como veremos, a validade da apropriação do comunismo para o contexto brasileiro.

Amado, ao contrário, pretende dar voz aos ideais comunistas na literatura. Descreve a progressiva "conscientização de classe" de trabalhadores inicialmente desprovidos de espírito político - estória edificante a servir como exemplo para ser seguido por seus possíveis leitores proletários. Tal como pregava a cartilha do Partido.

3.4.3 *Parque Industrial*

Pagu adota um narrador em terceira pessoa que pretende falar pelo proletariado urbano constituindo-se como classe. Importa notar um detalhe importante que a diferencia de Palhano e Amado: Pagu fala pela

mulher trabalhadora. Suas principais personagens são operárias do Parque Industrial de São Paulo no início da década de 1930.

Diferentemente de Palhano e Amado, Pagu não constrói uma identidade proletária explícita para o seu narrador. É a adesão radical à causa proletária e a análise impiedosa da classe burguesa que denuncia sua identidade.

Pagu pretende justificar a veracidade do seu relato sobre a vida proletária feminina pelo fato de ter vivido e trabalhado como operária. Aderiu à política de proletarização do partido e assim coletou material para o seu romance. Contudo, à semelhança de Amado, quase caiu na utopia, já que, então, o proletariado brasileiro era ainda uma classe desorganizada. Neste sentido, o romance de Palhano é mais realista, pois questionará, como veremos, a pertinência de se falar em consciência de classe no Brasil nas primeiras décadas do século XX.

Mas, à diferença de Amado, e à semelhança de Palhano, o romance de Pagu termina por não ser edificante. Veremos que seu final é mais trágico que utópico.

3.5 Os romances

3.5.1 *O Gororoba*

O romance inicia-se em Caicó, Nordeste, em plena seca, entre 1877-1878, quando nasceu Cazuzza, o protagonista da estória. Cazuzza começa sua vida de trabalhador nas oficinas do ferreiro Mestre Antônio. Fugindo dos desmandos do mestre, refugia-se no Amazonas em 1895; mais precisamente, vai morar em Belém. Lá conhece Garnier, médico formado na Inglaterra, que lhe dá conselhos em tom didático. Garnier mantém opiniões conservadoras acerca das transformações sociais, sobretudo no tocante à vida dos operários.

Na cidade, Cazuza vive, o clima da *Belle Époque*. Belém experimenta, então, grandes conquistas modernas, como o barco a vapor, a eletricidade e, sobretudo, a ousada construção de uma estrada de ferro. Essas conquistas povoarão o mundo de Cazuza:

Belém despertava, por esse tempo, numa grande ânsia de progresso. Com razão os paraenses, orgulhosos de sua capital, chamavam-na a "Liverpool Brasileira", pois a borracha atraía numerosas embarcações ao seu magnífico porto, dando trabalho às oficinas em grande azáfama (*OGO*, p. 33).

Cazuza retoma seu destino de trabalhador empregando-se em oficinas mecânicas como ferreiro, onde lhe dão o apelido de Gororoba: "ser molle - chamam no Pará Gororoba" (*OGO*, p. 40). Interessante observar o diálogo do romance de Palhano com *Macunaíma* de Mário de Andrade. Em ambos os textos, destaca-se a indolência dos personagens, seus limites para modificar o próprio destino.

As promessas de riqueza da cidade de Belém atraíam as pessoas do nordeste e da Europa:

Do Nordeste vinham flagellados e invalidos; da Europa, invalidos e expertos. Dos nacionaes, os fortes iam para a seringa; os europeus atiravam-se ao commercio e outras profissões activas. Os invalidos de ambas as procedencias invadiam a cidade esmolando e furtando [...] Desta invasão nasceram e cresceram os bairros miseraveis circumdando a cidade em enorme curva (*OGO*, p. 104).

Essa chegada de imigrantes trouxe portanto, problemas para Belém. Por outro lado, gerou também ostentação: "Dos estrangeiros o elemento preponderante era o luxo [...] embellezava-se a Capital para o estrangeiro ver. Parques sumptuosamente caros, praças e jardins" (*OGO*, p. 106-107).

O romance descreve os problemas sociais gerados pelo aumento da população com o surto da borracha. A distância entre ricos e pobres aumenta: "As classes sociaes eram perfeitamente distinctas. Tão distinctas como azeite e vinagre. Viviam entretanto sem choques, sem separações odiosas, independentes" (*OGO*, p. 109). Notamos que Palhano questiona a pertinência do conceito de luta de classe. As classes são distintas, mas sem

choques. Ainda que a miséria seja crescente, haverá sempre a alegria da "festa" a diluir diferenças de classe:

A miséria ia crescendo, estreitando o cerco á cidade. Levantavam-se cortiços, verdadeiros girais, nas zonas baixas e alagadas ou ranchos de ubi e taipa, chão de terra batida, nas zonas enxutas. Viviam ahí indigentes e vagabundos, pobres, promiscuindo e pobreza e a peste. Estas classes, porém, tinham um traço de união a ligal-as todas: - a alegria facilmente excitável; alegria comunicativa que passava ás ruas a pretexto de qualquer festa (*OGO*, p. 109 -110).

Neste contexto, viveu Cazuzza, operário, totalmente submisso aos donos do poder:

— Diga-me, o senhor tem opinião política?
Gororoba não tinha, nem desta nem de outra espécie, diante de pessoas estranhas. Tinha o pavor da offensa.
— Não senhor.
— E com quem vota?
— Não sou eleitor e se o fosse, votaria em quem o senhor mandasse.
O régulo gostou da submissão de rapaz (*OGO*, p. 133).

Cazuzza não tem consciência política e nem consciência de classe; quer "trair" a sua e ascender socialmente: "[...] sua vida enrascava-se, dia-a-dia, com as despesas crescentes para frequentar uma sociedade melhor... [...] esta vida de apparencias consumia muito dinheiro" (*OGO*, p. 135-136). Dedicar-se ao curso de maquinista de barco a vapor, as "gaiolas". Ao tirar o diploma, rumar, em 1902, para Manaus que também vive a efervescência da *Belle Époque*, com seus luxos trazidos pelo surto da borracha:

Da capital do Amazonas um detalhe impressionou a Cazuzza. Naquelle recanto de mundo não havia miséria. Dinheiro não fazia falta a ninguém porque todos o ganhavam facilmente. Era de facto a Terra da Promissão; a fome não a descobrira ainda. [...] Pelos hotéis, theatros e cafés, os seringueiros ridiculamente vestidos, fartamente endinheirados, gastavam com mulheres detestavelmente velhas, feias e pintadas; mulheres detestavelmente bonitas e immoraes, atirando-se a todo mundo para sugar dinheiro, como se todo mundo fosse seringueiro... (*OGO*, p. 176).

Vítima de um sistema desumano, o personagem vai sofrer também um amargo preconceito social: será rejeitado pela família da moça que ama por ser pobre e negro (é interessante notar que este é o único momento do romance em que Cazuzza é definido como negro). Em carta, Garnier aconselha Cazuzza a

não se revoltar e a ficar na sua classe operária, conformado:

[...] Fique onde está. Instrua os que chegarem ao alcance de sua palavra; castigue pela palavra os que errarem. Aconselha-os à prática do bem e da fraternidade social, sem revoltas, íntimas ou expressas; sem violências, culminando pela perseverança, pelo respeito à conquista alheia; sem as visões de esplendores, tão ambicionados, e que no entanto não valem uma hora de paz.

A sociedade operária deve tender para a criação da família operária, satisfeita no seu âmbito, ao nível do seu espírito, sem confrontos humilhantes, sem lutas pelas posições, que, galgadas de chofre, podem causar vertigens (*OGO*, 1931, p. 188-189).

Manaus entra em colapso econômico com a crise da borracha e leva uma expressiva parte da população a emigrar, a fim de conquistar um espaço mais promissor. Cazuzza, agora maquinista, depara-se com a nova realidade e tira suas conclusões: “O Amazonas parecia-lhe agora um pasto de ambições vulgares. Toda a lenda de sofrimento atribuído ao seringueiro, lhe pareceu pueril. A ganância entre os homens era a mesma, quer dum, quer de outro lado” (*OGO*, p. 199).

A ganância, para Cazuzza, é uma característica humana e não de classe: pobres e ricos são gananciosos. Percorrendo a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, percebe-a em várias raças: “Na Madeira-Mamoré, onde o levou a curiosidade, viu representadas quase todas as raças da terra, em operários de todos os ofícios. Não pôde distinguir qual dos dois ouros - o ouro-dólar e o ouro-borracha - exigia maiores sacrifícios” (*OGO*, p. 199). Compara, então, o operário brasileiro com o estrangeiro:

A técnica americana, as máquinas-ferramentas, eram novidade para ele. Na operação o operário brasileiro confundia-se com o outro, manejando as mesmas operatrizes, executando a mesma obra; na instrução porém, era de notável inferioridade. Ignorante e analfabeto, supria por golpes de vivacidade a falta de cultura profissional e literária (*OGO*, p. 200).

Na comparação, Palhano identifica o que se conheceria depois por “jeitinho brasileiro”.

Greves e atuações de grêmios aparecem no romance. Com a crise, os maquinistas querem a greve. Cazuzza conversa com o colega André e manifestam-se ambos contra. André explica a Cazuzza que a classe operária está subdividida em pequenas classes, que não há união e sim fragmentação:

[...] Como você sabe há nos estaleiros classes reputadas nobres e classes tidas como plebéas. Convivem na melhor harmonia aparente; intimamente guerreiam-se. Os torneiros julgam-se melhor gente que os limadores - são a elite; os modeladores, geralmente mentores de grupos, gosam de certa ascendência sobre toda a officina, e seus mestres substituem, ás vezes, os mestres geraes porque ... sabem ler. São chefes políticos, orientadores da "arraia meuda"; fundidores não misturam. Ferreiros e caldeiros são a ralé - dizem os outros - constituem a plébe; carpinteiros e calafates, julgando-se a chave do edificio da Construção Naval, olham por sobre os hombros o "pessoal da ferrugem". São classes-tampões. Por entre ellas fervilham as correlatas ou annexas; - os ajudantes, serventes, aprendizes, participando da sorte e das opiniões dos seus chefes, mestres e officiaes (*OGO*, p. 202).

O socialismo é então mencionado por André: "clamam por um regimen de igualdade - é o socialismo d'elles. Qual será, porém o padrão de igualdade desta gente?..." (*OGO*, p. 208). Se a classe está fragmentada, como poderia reivindicar em uníssonos? Cada grupo gritaria em tom diferente. Para André, a solução possível não é política e sim religiosa: "É que ninguem cuida da alma. A igreja Romana, instituindo o culto dos Santos, creou o exercicio do espirito pela meditação, pela pratica do bem, para tentar o nivelamento moral da humanidade, único possível" (*OGO*, p. 210).

Os outros operários são a favor da greve: "Houve até quem propuzesse uma bandeira vermelha, com um martelo suspenso, cabo para cima, como signal de protesto" (*OGO*, p. 215). A bandeira é uma referência ao movimento proletário. Contudo, a greve sai e fracassa: não há dinheiro. A Primeira Guerra Mundial ecoa no Amazonas. O preço da borracha não sobe e a crise se agrava. Vendem-se as "gaiolas" para os portos do sul e outras partes do mundo. O desemprego é crescente. Nas considerações finais da primeira parte do romance, Palhano faz um elogio ao Amazonas:

"Capítulo Extra"

(A' guisa de panegyrico)

O Amazonas [...] Terra de minha terra, repositório das energias vitais da minha patria, desbaratada pelas ambições dos homens, pelo saque, pelo embuste, pelo impatriotismo desnacionalizador de teus violadores, tu resurgirás um dia! (*OGO*, p. 225).

O tom crítico em relação à exploração da região, por locais e estrangeiros, domina o romance. Elogia-se a terra e critica-se severamente a ambição humana. Nota-se, mais uma

vez, que a crítica é feita ao homem em geral, e não a uma classe em particular. Observa-se ainda que Palhano reconhece a exploração do país pelos estrangeiros e a dependência de nossa economia:

Da imensa fortuna que entrou para o paiz, em troca de borracha exportada, quasi nada aproveitou aos obreiros. Sahiu novamente, ou pelos *cabarets*, ou pela compra de embarcações, de balas e de rifles; de tudo que se consumia alli, desde o leite condensado ao feijão, do tamanco á camisa (*OGO*, p. 237).

Do Amazonas, as agruras de Cazuza vão materializar-se no Rio de Janeiro, onde se passa a segunda parte do romance. Emprega-se em um estaleiro. Conhece a realidade proletária carioca e compara-a com a do Amazonas:

A Cazuza, entretanto, o operário carioca pareceu menos feliz que seu collega nortista. Achou-o mais triste, menos livre, mais apertado entre as tenazes do meio. Lucta maior, mais intensa. Grandes distâncias a vencer, grandes ladeiras a subir e descer, em busca de habitação barata (*OGO*, p. 250).

Percebeu também um grande contraste entre os bairros da cidade. Os ricos, beneficiados pelo conforto trazido pela *Belle Époque*, ocupavam os vales, enquanto os morros eram ocupados pelos pobres:

Um contraste pareceu-lhe flagrantemente brusco; - a opulência nos valles, a pobreza nos morros, salvo nos morros chics, onde a miséria escorregava-se para as encostas.

Noutros, dentro da mesma pobreza, os mais "folgados" ocupando as ruas, os mais pobres nas escarpas, por veredas como de pacas, de acesso difficil, em contorsões de funambulos, nas noites escuras, nos dias chuvosos, em pleno coração da cidade!

A serie de cerros, leste-oeste, da Conceição, Saude, Favella e Pinto, pareceu-lhe o mais flagrante cartel de desafio aos direitos do operário, quanto ao conforto da vida moderna. Em baixo, bondes, luz em profusão, asfalto, arborisações cuidadas, automóveis velozes, palacios e vivendas, o trafego intenso dos bondes. Em cima capim, barro, pedra lascada, numa extensão de quasi quatro kilometros, onde poderiam ser abrigados cerca de cem mil proletarios, perto do centro de suas actividades, ao centro do Rio industrial, em melhores condições de hygiene (*OGO*, p. 252).

No Rio, Cazuza conhece Terto, também operário e com quem dialoga sobre as condições de vida do trabalhador. À semelhança de André, Terto expõe idéias próprias, não vinculadas a um partido político.

Para Terto, não adianta importar soluções européias para os problemas brasileiros:

— Outro erro, A Europa, com uma civilização muito mais antiga, muito complicada, cheia de erros, de vícios e rancores, não nos pôde servir de padrão; nem parte alguma do mundo civilizado. Nestes logares o trabalho é organizado. Tudo é, mais ou menos, estável: - o paiz é industrial ou agrícola. Nós não somos uma coisa nem outra (*OGO*, p. 282).

O Gororoba discorda da importação de soluções européias, como as comunistas, a fim de se resolver os problemas brasileiros.

Presença oportuna no romance é a questão da substituição do homem pela máquina. Já é sinalizado então o inevitável destino dos trabalhadores – o desemprego:

A Sciencia, substituindo a mão humana pela machina, automato de rendimento formidavel, mudou vertiginosamente as condições da vida moderna. E o proletario, ignorante e descuidado, surpreendido pelos progressos da Civilização, piorou da situação precaria em que se achava (*OGO*, p. 284).

O tom pessimista domina o romance:

Gororoba, sosinho, devanejava, embalando-se na cadeira.

A mesma historia, a mesma queixa, as mesmas palavras, quasi, ouvira desde os confins do Amazonas á Capital da Republica. Dalli, ás escaldantes dunas do Nordeste, ás verdoengas collinas Cariocas, vira sempre o mesmo homem, espectro do mesmo povo, lamentando-se... (*OGO*, p. 285).

A vida operária de Cazuzza, um casamento fracassado e sem amor, e o inevitável desemprego, após a armistício da Primeira Guerra Mundial, quando as indústrias brasileiras, sobretudo o setor naval, vão à falência, aceleram a decadência do personagem. Cazuzza emprega-se em outro estaleiro, mas é logo afastado em virtude de um acidente de trabalho.

Ao final do romance, Cazuzza revê Garnier, agora transformado em frei: "Garnier era a mesma alma, talvez melhor, requintada pela idade e pela meditação" (*OGO*, p. 357). Encenam então um longo diálogo. Garnier arrisca o diagnóstico para a questão social, criticando a postura dos pensadores socialistas:

[...] O socialismo não será jamais uma realidade pratica, porque há *escolas* demais. De Platão aos nossos dias, tem-se procurado agitar as massas proletarias, sem nenhum proveito para ellas. [...]

O operario entretanto nada disse ainda. Pensadores e juristas, philosophos, mais ou menos inflammados, incutem-lhe as theorias: "- Zé, tu precisas de governar o mundo! E's o boi inconsciente, poderoso e submisso!" Vem outro: - "Vira essa *dróga* de pernas para o ar, não vês que te exploram?" [...]

Vem então Karl Marx e pontifica: – A minha philosophia, creando a socialismo scientifico, é a pedra angular da felicidade dos povos.

Se, porém, você chamar o operário á parte, após a magro jantar na fugidia paz do seu tugurio e perguntar-lhe; - "O' Zé, o que é que te falta, realmente?" Elle responder-lhe-á,, simplesmente: - "PÃO"

A Questão Social, Cazuza, esse borbórinho de *idéas* e de *escolas*, não ameaçaria a tranquillidade do mundo, se não fosse a falta de pão (*OGO*, p. 357-358).

A solução que Garnier oferece a Cazuza para ele sair da crise em que se encontrava por causa de uma vida fracassada, tanto no amor quanto na profissão, é a fé em Deus: “É inútil buscar remedio para seus males, intimos ou sociaes, para o egoismo que avassala o mundo, nas philosophias sem Deus, nas falhas do humano cerebro. Christo deu a formula única, concisa e curta para curar estas lepras: “___Amae-vos uns aos outros” (*OGO*, p. 362).

Ao contrário de outros romances proletários, que conclamam os operários para a luta, incitando-os a conseguir suas reivindicações, *O Gororoba* termina propondo uma solução religiosa pela boca do frei Garnier.

3.5.2 *Cacau*

Em *Cacau*, um sergipano nos conta a estória da sua juventude, quando saiu de São Cristóvão, ex-capital do Sergipe, para o sul da Bahia, terra do cacau. Seu pai era dono de uma fábrica. Com a morte paterna, a família perdeu tudo e o rapaz foi trabalhar como operário na fábrica onde antes era dono.

Amado descreve, nesta primeira parte do romance, que se passa em Sergipe, a proletarização do jovem, retratando-o como simpático aos proletários, mesmo antes de se tornar de fato um. Ao ser despedido, resolveu migrar para a Bahia, chegando à fazenda de

cacau em Pirangi onde se desenrola a maior parte do romance.

No capítulo intitulado Cacau, Amado, pela voz do narrador, que passa a ser chamado de Sergipano, descreve a exploração do trabalho na fazenda. Os empregados das roças eram responsáveis por todos os processos pelos quais o cacau passava e, se algo errado acontecia, tinham de pagar pela "falha". Era considerado "crime" imperdoável para os coronéis deixar mofar os sacos de cacau. Um dos trabalhadores da fazenda foi acusado do crime e despedido, sem direito de indenização, e ainda obrigado a pagar o prejuízo para o coronel: deveria trabalhar nas roças até quitar o valor. O empregado resolveu fugir. Dois colegas, a mando do patrão, foram no encalço e o surraram. Amado nos mostra então a falta de consciência de classe entre estes empregados das roças.

Os questionamentos para saírem daquela situação aos poucos começam a fazer parte das conversas dos trabalhadores. Sergipano questiona:

__ Isso continuará sempre assim, Colodino?

Ele, de todos nós, parecia o único a ter uma certa intuição de que alguma coisa, um dia...

É impossível. Tem que mudar.

__ Como?

__ É o que não sei... (CAC, p. 145).

Mas se alguns trabalhadores traíam a sua classe, tal não é o caso de Sergipano. Obrigado por Mária, filha do patrão, a entregar o trabalhador que a desacatou, Sergipano se recusou. Fiel à sua classe, não se deixou seduzir nem mesmo quando ela narrou-lhe um romance cujo personagem, um roceiro, se casava com uma condessa. Sergipano encerra a conversa afirmando:

__ Mas o roceiro é um traidor.

__ A quem ele traiu?

Embatuquei com a pergunta. Mária sorria Vitoriosa.

__ Traiu os outros trabalhadores (CAC, p. 152).

A traição de classe é ainda tematizada, no romance, na "sedução" consentida da roceira Magnólia, noiva de Colodino, por Osório, filho do coronel. Colodino

descobre a traição, espanca Osório e foge da fazenda.

O capítulo intitulado sugestivamente, *Consciência de Classe*, descreve o momento em que Honório, colega de trabalho de Colodino, é chamado pelo patrão para "dar cabo" do colega. Honório sai para cumprir sua tarefa, mas erra a pontaria de propósito. Sergipano pergunta:

Por que você não matou Colodino? Por que queria bem a ele?

—Eu gostava de Colodino... Mas eu não queimei o bruto porque ele era alugado como a gente. Matá coroné é bom, mas trabaia dó não mato. Não sou traidô... (*CAC*, p. 162).

O episódio dá margem à seguinte reflexão do narrador Sergipano: "Só muito tempo depois soube que o gesto de Honório não se chamava generosidade. Tinha um nome muito mais bonito: *Consciência de Classe*" (*Ibid.*).

Algum tempo depois, Sergipano recebe uma carta de seu amigo Colodino, já instalado no Rio de Janeiro:

Venha embora para cá, Sergipano. Aqui se aprende muito. Tem resposta para o que a gente perguntava ahí. Eu não sei explicar direito. Você já ouviu falar em luta de classe? Pois há luta de classe. As classes são os coronéis e os trabalhadores. Venha que fica sabendo tudo. E um dia a gente pode voltar e ensinar para os outros (*CAC*, p. 164).

Mas antes de seguir os conselhos de Colodino e ir para o Rio de Janeiro, Sergipano lidera uma greve fracassada dos trabalhadores da fazenda, que voltam ao trabalho no dia seguinte do início movimento, com redução de salário.

Sergipano sofrerá ainda mais uma provação no seu processo de conscientização de classe: Mária, por quem ele estava apaixonado, lhe confessa a própria paixão e sugere que se casem; ela convenceria o pai a aceitá-lo. Mas Sergipano se recusa, não trairia a sua classe casando com a filha do patrão.

Quando recebe mais uma carta de Colodino, referindo-se de novo à luta de classes, Sergipano resolve atender aos conselhos do amigo e parte para o Rio de Janeiro. Em nome da consciência de classe abandona a fazenda e abdica do amor por Mária: "Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano

e grande mataria o amor mesquinho pela filha do patrão. Eu pensava assim e com razão” (CAC, p. 169).

O romance mostra um processo de conscientização de classe, tanto de Sergipano quanto de Colodino, processo que se realizará de fato através da experiência como operário na cidade, experiência externa ao processo de trabalho na fazenda e apenas entrevista no romance. O que parece indicar que, se ambos continuassem na fazenda, talvez nada aprendessem.

No último capítulo, Jorge Amado registra os locais visitados por ele, ao escrever *Cacau*: Pirangi, Aracaju e Rio de Janeiro e as respectivas datas da visita. Amado parece querer comprovar o trabalho de campo ao elaborar o seu romance proletário.

3.5.3 *Parque Industrial*

Parque Industrial conta a história do proletariado urbano representado no romance por operários do bairro paulista do Brás. Já nas primeiras linhas do romance a temática urbana é anunciada: "São Paulo é o maior parque industrial da América do Sul" (PI, p. 17).

Há no texto de Patrícia Galvão uma sintonia explícita com a ideologia do PCB, a começar pelo vocabulário comunista: companheiro, luta de classes, mais-valia, camaradas, proletariado, burguesia. Os próprios nomes dos personagens são sugestivos como, por exemplo, Carlos Marx e Frederico Engels; e também os títulos dos capítulos: Em que se fala de Rosa de Luxemburgo, Proletarização, onde se gasta a mais-valia, em um setor da luta de classes.

A menção ao Partido Comunista é explícita:

Mas, felizmente, existe um partido, o partido dos trabalhadores que é quem dirige a luta para fazer a revolução social. Os tenentes?

— Não! Os tenentes são fascistas.

— Então o quê?

— O Partido Comunista... (PI, p. 21).

Também é explícita a referência a Luís Carlos Prestes: "- Esta merda nunca foi revolução! Enquanto não vier Luiz Carlos Prestes..." (PI, p. 87).

O livro se organiza como um panfleto político do PCB. No capítulo Em um setor da luta de classes, Pagu faz referência à rotina dos sindicatos: "Sessão de um sindicato regional. Mulheres, homens, operários de todas as idades. Todas as cores. Todas as mentalidades. Conscientes. Inconscientes. Vendidos" (*PI*, p. 29).

Filmes que veiculam a propaganda do Partido são citados. Gorki é admirado por trabalhadores em uma fita de cinema:

Entram no cinema para ver um filme russo tirado de Gorki. [...]

Um grupo de garotas sai lastimando alto os dez tostões numa fita sem amor. As inconscientes que o proletariado carrega. Aturdidas pelo reflexo do regime burguês, pelo deslumbramento de toilettes que não podem ter mas desejam. Dos automóveis de todas as cores, das raquetes e das praias. Alimentadas pelo ópio imperialista das fitas americanas. Escravas à ilusão capitalista.

Mas na fila da frente, dois moços trabalhadores se entusiasmam, se absorvem no drama proletário que passa (*PI*, p. 93).

Parque Industrial descreve o interior da fábrica e a exploração do operariado brasileiro, concentrando-se em um determinado grupo: a mulher operária. Adota, portanto, uma perspectiva não só comunista como também feminista. O romance é ilustrador dos sofrimentos vividos pelas mulheres operárias, vítimas do assédio sexual dos patrões burgueses. Pagu trouxe à luz a exploração sexual feminina vista sob duas perspectivas: dentro da fábrica e fora dela. A operária Matilde escreve à Otávia, sua amiga: "tenho que te dar uma noticiuzinha má. [...] Acabam de me despedir, sem uma explicação nem motivo. Porque me recusei a ir ao quarto do chefe" (*PI*, p. 91).

Corina é outra operária que, despedida por estar grávida, entregou-se à vida promíscua e vazia das ruas. Na maternidade, ou melhor, nas "Casas de Parir" (pois a palavra maternidade era empregada somente para designar o local onde as burguesas ricas ganhavam seus filhos) dá à luz uma criança deformada e sem esperança de vida.

Em *Parque Industrial* o sofrimento das mulheres também passa pela falta de tempo em criar seus filhos. Necessitavam trabalhar para sua prole não morrer à mingua:

__Gente pobre não pode nem ser mãe. Me fizeram este filho num sei como! Tenho que dar ele para alguém, pro coitado não morrer de fome. Se eu ficar tratando dele, como é que arranjo emprego? Tenho que largar dele pra tomar conta dos filhos dos outros! Vou nanar os filhos dos ricos e o meu fica ali num sei como.

Ninguém diz nada. Estão quase todas nas mesmas condições (*PI*, p. 72).

Operárias militantes como Otávia e Rosinha Lituana procuram promover a consciência de classe nas mulheres dos operários, de modo que estas, mesmo apavoradas pela repressão policial, não tentem impedir a participação dos maridos nas reuniões sindicais.

Ao dar voz às operárias que reagem contra os abusos praticados pelos patrões burgueses, Pagu demonstra um posicionamento questionador dos valores internalizados pelas mulheres submissas que lhe eram contemporâneas. Valores que só mais tarde começarão a ser superados e substituídos. Diferentemente de *Cacau* e *O Gororoba*, onde a mulher comparece somente como "companheira" de cama, em *Parque Industrial* a mulher também comparece como companheira de lutas, consciente da sua classe. O discurso de Rosinha Lituana aos operários ilustra bem isto:

__Camaradas! Não podemos ficar quietas no meio desta luta! Devemos estar ao lado dos nossos companheiros na rua, como estamos quando trabalhamos na fábrica. Temos que lutar juntos contra a burguesia que tira a nossa saúde e nos transforma em trapos humanos! Tiram do nosso seio a última gota de leite que pertence a nossos filhinhos para viver no champanhe e no parasitismo! (*PI*, p. 77).

A consciência de classe faz com que Otávia concorde com a expulsão de Alfredo (burguês proletarizado, acusado de trotskismo) tanto do partido, quanto da sua vida. Semelhantemente a *Cacau*, *Parque Industrial* sugere que o amor deve ser sacrificado se significar uma traição de classe.

Como militante do PCB, Pagu acredita na "importação" do comunismo para o contexto brasileiro. A luta de classes seria a mesma em qualquer lugar dos quatro cantos do planeta: "[...] a burguesia é a mesma em toda parte. Em toda parte, manda a polícia matar os operários" (*PI*, p. 89). Diferentemente d' *O Gororoba*, que questiona "importação" de

soluções comunistas, *Parque Industrial* e também *Cacau* procuram promover a consciência de classe entre os trabalhadores, explicitando a burguesia como o inimigo contra o qual lutar.

À semelhança de *Cacau*, *Parque Industrial* sugere que a conscientização do proletariado é promovida sobretudo pela própria opressão que este sofre. A narração inclusive procura manter viva a crença de que a revolução proletária está sendo organizada dentro da própria fábrica, como reivindicação à exploração sofrida: "O proletariado marxista, através de todos os perigos, achou o seu caminho e nele se fortifica para o assalto final" (*PI*, p. 92).

Mas o proletariado brasileiro na década de 30 não tinha ainda se organizado em termos de construção de uma consciência de classe. Muito menos estava fortalecido para o assalto final. Veja-se o malogro da Intentona Comunista de 1935. Neste sentido, Pagu e também Amado, distanciam-se da realidade e aproximam-se da utopia.

Ou quase utopia, pois ainda que os 16 capítulos de *Parque Industrial* sejam organizados como experiências que levam em direção à conscientização, narrando os diversos sofrimentos da classe operária - conscientização que culmina em uma manifestação pública de descontentamento no Largo da Concórdia - o fato é que o final é mais trágico que utópico: apesar do sugestivo nome "concordia", é lá que os operários são ironicamente assassinados pelas forças da ordem burguesa. A parte proletária organizada não consegue conscientizar a parte proletária desorganizada que luta ao lado dos burgueses. O apelo do proletário, "Soldados! Não atirem sobre os seus irmãos! Voltem as armas contra os oficiais...", mas não é atendido. Então, os soldados "irmãos" detonam as armas, e a carnificina é geral (*PI*, p. 99).

O romance de Patrícia Galvão apresenta um tom pessimista em relação à *Cacau*. Jorge Amado investe em Sergipano para credibilizar as promessas da ideologia comunista e levar esperanças para os trabalhadores; Pagu não constrói um destino positivo para os seus personagens proletários em *Parque Industrial*. Se o texto de Amado é explicitamente edificante, o de Pagu (e também o de Palhano) não é.

3.6 O resgate do romance proletário

*For many years treated as at best an arcane curiosity, literary proletarianism is now being drawn back into the mainstream of literary study.
(Barbara Foley, 1995).*

Por muitos anos tratada, na melhor das hipóteses, como uma curiosidade arcana, a literatura proletária está agora retornando para o centro dos estudos literários (Tradução nossa).

Em 1994, *Parque Industrial* foi reeditado no Brasil e traduzido e publicado nos Estados Unidos. A trajetória do romance parece corresponder ao interesse da academia em estudar produções até então à margem do cânone. Desde então, *Parque Industrial* tem inspirado, tanto lá como cá, interessantes trabalhos acadêmicos.

Na verdade, pode-se dizer que os norte-americanos estão redescobrimo o gênero romance proletário. A Universidade de Illinois, por exemplo, vem reeditando diversos títulos de romances proletários da década de 1930, com introduções críticas de estudiosos contemporâneos. *Parque Industrial* foi traduzido e publicado seguindo esta tendência. Registra-se também a crescente publicação de trabalhos acadêmicos sobre o gênero, que está sendo, de fato, resgatado.

No Brasil, também foram reeditados pelo menos dois outros romances considerados proletários: em 1996, *Navios Iluminados* (1937), de Ranulpho Prata, e, em 2003, *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes.

Esperamos que o nosso trabalho possa contribuir para despertar o interesse da crítica no Brasil pelo estudo do gênero. Pois, certamente, há muito ainda para ser dito a respeito do romance proletário.

CONCLUSÃO

Esta dissertação se propôs tentar contar a (possível) história da temática proletária nas letras brasileiras, dentro do recorte selecionado: do socialismo e anarquismo da Belle Époque, ao comunismo do entre-guerras.

Constatamos que a literatura anarquista, ao exaltar o operário num momento em que o cânone o marginalizava, representa, de fato, a vanguarda política das nossas letras do início do século XX, papel que ainda não lhe foi propriamente reconhecido pela história literária.

Percebemos, ainda, que o romance proletário, ao trazer a exaltação do operário, mesmo que brevemente, para dentro do próprio cânone, constitui um aspecto importante, muito pouco estudado, da conscientização política do intelectual brasileiro na década de 30.

O resgate, hoje da literatura anarquista e do romance proletário, tanto por estas ou outras razões, tais como o interesse atual da academia em estudar produções não canônicas - revela-se, portanto, justificável.

Não temos, em absoluto, a pretensão de que seja a nossa, a única versão da história da temática proletária nas letras brasileiras. Tanto outros recortes são possíveis, quanto, dentro do mesmo recorte, outras possibilidades de contar se apresentam.

De qualquer modo, constatamos que há muito ainda que ser pesquisado sobre o tema. Precisamos admitir, por fim, que contamos somente uma pequena parte da sua (possível) história. A literatura anarquista e o romance proletário constituem campos de estudos férteis ainda a espera de estudiosos para serem propriamente cultivados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. *Jorge Amado: Política e Literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Martins, 1934.

- _____. *Homens e coisas do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946.
- _____. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.
- ANDRADE, Oswald. *Os dentes do dragão*. São Paulo: Globo, 1990.
- _____. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 1992.
- _____. *Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- ARNONI PRADO, A ; FOOT HARDMAN, F. (Org.) *Contos Anarquistas: antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ASSIS, Machado de. *A Semana*. São Paulo: Mérito, 1956.
- _____. Machado de. *A Semana*. São Paulo: Mérito, 1956.
- BARRETO, Lima. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- _____. *Feiras e Máfuas*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- _____. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BRANDÃO, Octávio. *Combates e Batalhas*: São Paulo: Alfa-Omega, 1978. (Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais. Série 1ª. Política, v. 5).
- CAMPOS, Augusto de. *Pagu: Vida e Obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CHACON, Vamirett. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1965.
- CUNHA, Euclides da. *Contrastes e Confrontos*. Porto: Editores Magalhães e Moniz Limitada, 1907.
- FOLEY, Bárbara. Proletarianism Revised. Disponível em: <<http://www.theminnesotareview.org/ms43/foley.htm>>. Acesso: 16 out. 2004.
- GALVÃO, Patrícia. *Parque Industrial*. São Paulo: EDUFSCAR, 1994.
- GORKI, Máximo. *A Mãe*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: UNESP, 2003.
- KONDER, Leandro. *Derrota da Dialética*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LIMA, Jorge de. Nota sobre *Cacau*. In: MARTINS EDITORA (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1961. p. 66- 69.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978. v.5.

MENDES, Murilo. *Cacau*. In: MARTINS EDITORA (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1961. p. 71-72.

MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2003. v. 1.

PALHANO, Lauro. *O Gororoba* (scenas da vida proletária). Rio de Janeiro: Terra de Sol, 1931.

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: Ensaios e Apontamentos Avulsos*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot (Org.). *Contos anarquistas: antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUEIROZ, Raquel de. *Caminho de Pedras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____; QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

_____. *O Mundo da Paz*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1951.

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão sob as ordens de mamãe*. São Paulo: Globo, 1990.

BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1970. v. 5.

_____. *Cultura Brasileira: Temas e Situações*. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *O Salão e a Selva: uma Biografia Ilustrada de Oswald de Andrade*. Campinas: UNICAMP. São Paulo: Ex-Libris, 1995.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BUTTERS, Christopher. The Proletarian novelist reconsidered. Disponível em: <<http://www.pemmecanpress.com/articles/butters-bonosky.html>>. Acesso em: 15 out. 2004.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O Sonhar Libertário*. Campinas: Pontes, 1988.

CÂNDIDO, Antônio. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda, 2000.

CARONE, Edgard. *Da esquerda à direita*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

_____. *Movimento Operário no Brasil*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

_____. *Socialismo e Anarquismo no início do século*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1984.

CAVALCANTI, Paulo. *Éça de Queiroz: Agitador no Brasil*. Recife: Guararapes, 1983.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Realismo e Anti-Realismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. *Literatura e Humanismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

DENIS, Benoît. *Literatura e Engajamento de Pascal a Sartre*. Bauru: EDUSC, 2002.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e Crítica Literária*. Porto: Afrontamento, 1976.

FILHO, Michel Zaidan. *Comunistas em Céu Aberto - 1922 -1930*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

FILHO, Oswald Andrade de. *Dia seguinte e outros dias*. São Paulo: Códex, 2004.

FONTES, Amando. *Os Corumbas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

FURLANI, Lúcia M. Teixeira. *PAGU Patrícia Galvão Livre na Imaginação, no Espaço e no Tempo*. Santos: UNISANTA, 1999.

GOLD, Michel. *Judeus sem dinheiro*. São Paulo: Pluma, 1961.

GUEDES, Thelma. *Pagu - Literatura e Revolução*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

KONDER, Leandro. *Intelectuais Brasileiros e Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

- LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1987.
- LUCAS, Fábio. *Vanguarda, História e Ideologia da Literatura*. São Paulo: Icone, 1985.
- MARTINS Editora. *40 Anos de Literatura*. São Paulo: Martins, 1972.
- MARTINS, Wilson. *A Literatura Brasileira: o Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1969, v. 6.
- _____. *A Idéia Modernista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- MORAES, João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1995. v. 2.
- MICELLI, Sérgio. *Imagens Negociadas*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.
- PÉCAULT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.
- PRADO, Arnoni. *Libertários no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PRATA, Ranulpho. *Navios Iluminados*. São Paulo: Scritta, 1996.
- QUEIROZ, Raquel. *João Miguel*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.
- RIDENT, Marcelo (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2002. v. 5.
- RODRIGUES, Edgar. *Novos Rumos: Pesquisa Social 1922-1946*. Rio de Janeiro: Mundo Livro, s/d.
- SAMPAIO, Aluysio Mendonça. *Jorge Amado, o romancista*. São Paulo: Maltese, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Ofício do Escritor*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.
- SCHWARZ, Roberto. *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- VINHAS, Moisés. *O Partidão*. São Paulo: Hucitec, 1982.